

NOVAS DA GALIZA

— PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇÃO CRÍTICA —



"Sabotagens como a do dia 23 tenhem sido habituais em datas próximas do Dia da Pátria, sem a transcendência mediática desta ocasión"

João Bagaria, responsável nacional de Organización da AMI

PÁGINA 17 |



'Galiza Qualidade' leva a confusom aos mercados em detrimento das denominaçoms de origem

O SELO COMERCIALIZA COMO GALEGOS PRODUTOS QUE NOM O SOM

REDACÇOM / Nom é a primeira vez que o nome de um selo de qualidade que utiliza um referente topográfico é mudado por causar confusom. Assim aconteceu, por exemplo, na Catalunha e na Andaluzia, e é o que desejam os conselhos reguladores das DOP (Denominaçoms de Origem Protegida) para o caso galego.

A origem da polémica reside na procedéncia dos produtos que abrange o selo 'Galiza Qualidade', que nom garante, ao contrário do que pensam muitos consumidores e consumidoras, que o produto tenha sido produ-

zido, transformado e elaborado numha zona geográfica determinada, sendo só obrigatório que o produto passasse pola Galiza em alguma etapa da sua produçom ou embalagem. É o caso de 'Tenreira Galega', que embora pudesse ter sido considerada umha DOP, foi registada finalmente como IGP (Indicaçoms Geográficas Protegidas), possibilitando-se assim que o gado nom tenha nascido nem crescido na Galiza, mas apenas sacrificado. Embora da parte dos conselhos reguladores digam nom sentir-se 'pisados' comercialmente polo selo 'Galiza Qualidade', sim se

sentem incomodados com a confusom que provoca que o âmbito comercial seja basicamente o mesmo (o agro-alimentar), assim como polo investimento da Junta na publicidade de umha marca sob a qual se reúnem as empresas mais importantes do País, sem que fosse claramente definido o interesse social da mesma.

Afinal, o que está em questom é se é legítimo que um selo de qualidade definido em relaçom ao mercado de um determinado tipo de produtos únicos pola sua especificidade geográfica. / Pag. 10

Ainda nom se conhecem mudançoms na política contra incêndios do novo governo

A quantidade de incêndios e de superficie queimada convertem este Verao no mais destrutivo da última década

REDACÇOM / O novo conselheiro do Meio Rural considerou umha "temeridade" mudar o dispositivo contra-incêndios em plena campanha de extingom. Em contrapartida, prometeu transparéncia na difusom dos dados para que os cidadaos e cidadás tomem consciéncia real do problema. Porém, à vista dos números já conhecidos, nom parece que venha a ser difícil a 'tomada de consciéncia' em relaçom ao problema: até o dia 7 de Agosto já arderam na Comunidade autónoma 15.217 hectares, dos quais 4.243 eram superficie arborizada. Mas ainda há dados mais preocupantes: a administraçom investe 10,22 milhons de euros anuais na luta contra o lume, a política de pre-

vençom continua sem existir, a formaçom das equipas de extingom é nula e em muitos concellos galegos o pessoal que fai parte das brigadas é nomeado polo próprio presidente da câmara, existindo umha crescente preocupaçom e desconfiança na sociedade por este modo de gerir a política florestal, sobretudo tendo em conta que mais de 99% dos incêndios da CAG estão vinculados directa ou indirectamente à 'actividade humana', percentagem muito superior à estatal. Em definitivo, se continua a ser adiada umha verdadeira política de prevençom, a Junta corre o risco de que se espalhe a sensaçom de que a própria administraçom fai parte do problema. / Pag. 14

Movimento nacional-popular chega aos ecráns através do olhar de Carlos Varela

Um filme dirigido por Ledo Cordeiro resgata as imagens da Galiza comprometida contra a segunda restauraçom borbónica / 13

E AINDA...



Compostela viveu neste 25 de Julho o Dia da Pátria mais agitado e com maior assistência da última década / 05

UGIO CAAMANHO E GIANA RODRIGUES continuam em prisom enquanto a AMI sofre um forte assédio mediático / 06

O NOVO GOVERNO GALEGO principia a trabalhar prometendo transparéncia e diálogo com os agentes sociais / 04

Quatro retratos para uma mudançom política por João Aveledo / 02

O País na Janela
LIVRO-CD SOBRE O NOVAS DA GALIZA

JÁ À VENDA!

Solicita-o em encomendas@novasgz.com



Quatro retratos para uma mudança política

JOÃO AVELEDO

"TUDO DEVE MUDAR PARA QUE NADA MUDE"
(PRÍNCIPE DI LAMPEDUSA)

"A DEMOCRACIA É O PIOR SISTEMA DE GOVERNO
EXISTENTE, COM A EXCEÇÃO DE TODOS OS
OUTROS"
(CHURCHILL)



Beiras. Nascido numa família de fidelidades patrióticas, foi educado para príncipe pela camarilha do Pinheiro. Jovem catedrático. Radical na defesa das suas ideias. Ególatra e vaidoso, como corresponde a um príncipe. Dândi e afrancesado, foi *gauche dixime* galega.

Em 63, co-fundou um PSG que se dizia socialista, democrático e europeu. Logo veio a democracia e a tentativa de absorção do PSOE, que Felipe queria PSG-PSOE com Beiras de secretário geral. Mas este recusou e o PSOE teria de ser finalmente PSDeG. Depois do fracasso eleitoral, um

povo galego que virava as costas àquelas elites nacionalistas que reinavam na bolha compostelana, mas que eram quase desconhecidas no resto do País. A realidade foi demasiado dura para o José Manuel e este decidiu fugir... De 77 a 81 desce aos infernos.

Em 81, regressa ao mundo com forças renovadas e em 82, participa na fundação do BNG. Com Beiras, como imagem referencial e com a UPG como exército fiel, a Frente volta ao Parlamento e em poucos anos passará de apenas 1 deputado a 18, da marginalidade política a ser a segunda força. Em 98, Beiras procura a

homologação do BNG com bascos e catalães, e impulsiona com CiU e PNV uma Declaração de Barcelona, que quer ressuscitar a Galeuzka republicana. Equivoçou-se e o povo começou a virar-lhe as costas mais uma vez. Sem meios de comunicação próprios, o nacionalismo era um gigante de pés de barro que não pudo enfrentar o assédio mediático e institucional a que o submeteu o aznarismo. Assim começou a sangria de votos e Paco Rodrigues, decide então prescindir dos seus serviços...

A verdade é que Beiras nunca governou, nem sequer o BNG

que aparentava chefiar. A sua foi uma agonia política longa, com um defecho tão inevitável como previsível.

Já é História. Passará à mitologia do nacionalismo.

Quin. *Tu quoque, Brutus, fili mi!* Frase que poderíamos traduzir para o galego como "Até tu, Quin, meu filho!". O que a pronuncia aqui não é César, mas Beiras que recebe a derradeira punhalada do seu afilhado político.

Quin foi jovem revolucionário, que por jogar a agitador desatendeu os estudos. A sua estrela política acende-se em 89, quando

encabeça uma revolta, que o leva à Presidência da Câmara Municipal de Alhariz. Transformou a vila com uma gestão brilhante e ali ganhou todas as eleições. Depois deu o salto à política nacional e perdeu eleição após eleição até chegar à Vice-Presidência da Junta. Nas últimas perdeu 4 deputados.

Político convencional, de discurso pobre e populista, está por ver se consegue fazer-se respeitar no Governo e se dará à política a batalha que Beiras nunca se atreveu a dar.

Vai a todos os enterros. Pode ser futuro do nacionalismo.

O PELOURINHO DO NOVAS



Se tens alguma crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos alguma inquietação ou mesmo alguma opinião sobre qualquer artigo aparecido nas NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e não poderão exceder as trinta linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaborações, como também de resumir-las ou extractá-las quando se considerar oportuno. Também poderão ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis.

Endereço: pelourinho@novasgz.com

DESCOBERTA DO REITEGRACIONISMO POR UM CATALÁN

Estou a passar uns dias de férias na Galiza (terra dos meus pais e do meu sogro). Ontem tive "a sorte" de comprar o seu jornal Novas da Galiza. Foi uma verdadeira surpresa poder ler um galego escrito numa grafia que parece tam própria do galego. Eu nascim em Barcelona e portanto sou catalán, filho de galegos e educado em castelhano na escola. Com os anos, com grande surpresa, descobrim a existência de uma língua muito semelhante ao galego que se falava além-Minho: o português. Vejo que a normativa empregada por vocês tem como referência o português (de maneira diametralmente oposta à actual normativa galega baseada no espanhol). Acho que o Galego pertence lingüisticamente à esfera do galego-português e que a normativa actual supom uma

barreira para se entender com a sua comunidade natural lingüística. Por outro lado, encontro bem acertado o conteúdo crítico do jornal, sempre que nom seja exeluyente para ninguém.

Manuel Álvarez Fernández

DEZOITO DE JULHO: 69 ANOS DEPOIS

A data de 18 de Julho é de triste memória para a maioria dos espanhóis. Marcou o dia em que o estado de direito, a legalidade baseada na consulta e vontade popular foi substituída pela ordem baseada na força das armas. Marca o dia em que o melhor e mais florido da sociedade foi sacrificado para dar exemplo, diante da atemorizada população, com a morte ou com o exílio forçado para aqueles que lograram fugir daquele inferno que se dasatou no qual irmãos,

vizinhos ou amigos empunharam as armas contra irmãos, vizinhos ou antigos amigos. Lembremos apenas, para fazermos umha mínima ideia do que aquilo significou, as palavras que Millan Astray, um daqueles generais revoltados, pronunciou na Universidade de Salamanca, em frente de Unamuno: "Viva a morte! Abaixo a inteligência!". Abria-se assim a "longa noite de pedra" que ia durar mais de 40 anos e que submergiu a Galiza na incultura, no atraso económico e na ignorância de si mesma e da sua própria história.

Neste 18 de Julho, na Galiza, começou um novo parlamento formado pelas pessoas eleitas pela vontade popular. A conformação deste permite que as forças da esquerda, PSOE e Bloco Nacionalista Galego, podam formar um governo de coligação, depois de, durante 16 anos, terem estado a governar este País as forças da direita, franquistas por um ex-ministro franquista, herdeiro, portanto, daqueles terríveis tempos que já

referimos acima. Nom foi umha vitória esmagadora mas também sabemos que nom foi fácil romper a inércia do sistema caciquista que baseia o poder na duplicidade da dádiva e do temor.

Agora abre-se um tempo novo. Nenhum dos notáveis do futuro governo da Galiza tenham nada a ver com aquela triste etapa da história de Espanha, em que os privilégios pertenciam aos "afectos ao regime", e em que toda dissidência era afogada pola força.

Um novo 18 de Julho que, sem que esqueçamos o passado para aprendermos dos seus erros, abre um tempo novo, de promessas, de liberdade, de progresso e de auto-estima, para os que cremos na Galiza como País...

Que assim seja. Aguardamos que os novos governantes podam levar adiante os seus programas polo bem de todos e todas as cidadãs galegas.

Adela Figueroa Panisse

Fraga. Catedrático, ministro, embaixador, pai da Constituição... A sua biografia pode com tudo, com a Lei de Imprensa, o boom turístico, a bomba de Palomares, Montejurra, Gas-teiz, o Jacobeu e ainda com o Prestíge de Cascos.

Autoritário, hiperactivo, reac-cionário, erudito, austero no pessoal. Foi um homem de poder, leal por cima de tudo à Espanha. E Espanha que não o quis!

Dezasseis anos de Poder Popular galego. Reinou num revival de uma Galiza medieval dividida em feudos e entrecei-da de redes clientelares. O seu foi um populismo regionalista de gaiterada e festa gastronó-mica, de Juan Pardo e Luar.

Apesar das 4 maiorias absolutas, do Prestíge, dos seus excessos verbais, de um corpo maltrata-do por anos e trabalhos, do des-maio televisado e de ter o parti-do dividido, só perdeu 4 depu-tados e ficou a uns poucos mil-hares de votos da 5ª.

Está a ser, por fim, História. Falta ver quem elege como sucessor... Com um PPdG em guerra interna entre "caciques País" e "espanholitos urbanos", esperará, talvez, por Rajoy?

Tourinho. Entre 85 e 94 exer-ceu altas responsabilidades num Ministério que discrimina-va a Galiza, deixando-a incomu-nicada. Só a forte mobilização popular e institucional conse-guiu que, mais tarde que cedo, che-garam as rodovias. Nessa

altura disputou a cátedra de Economia Aplicada a Suevos. O Tribunal pretendeu dar-lha, argumentando não entenderem o galego! Escândalo università-rio e afinal justiça.

Desde 98, encabeça um PSdG extremamente localista, onde quem mais manda é o espanho-lismo vasquista. Contudo, no que alguns julgam galego, fala de "comunidade nacional" e de "aprofundar no autogoverno", claro que milita numa força especializada em mudar o signi-ficado das palavras, onde, p.ex., "esquerda" significa "neolibera-lismo económico" e "aliança das civilizações" "reforçar a invasão ianque de Afeganistão".

Agora é Presidente. Chegou com ares kennedianos, mas não dá...

Epílogo. Com estes anteceden-tes, pouco podemos esperar deste novo governo que se diz de esquerda e/ou nacionalista. A esquerda real há muito que dei-xou de ser possível a nível mun-dial e tampouco resultam possí-veis políticas verdadeiramente nacionalistas num país em que o nacionalismo é minoritário ainda entre aqueles que assim se chamam.

No entanto, desde o profundo cepticismo com que alguns acreditamos na democracia liberal, recebemos esta mudança com a alegria que, por higiene democrática, supõe a mudança em si mesma e máximo quando o que cai é todo um regime.

NOVAS DA GALIZA

EDITORA
MINHO MEDIA S.L.

DIRECTOR
Ramom Gonçalves

REDACTOR-CHEFE
Carlos Barros G.

CONSELHO DE REDACÇÃO
Marta Salgueiro, Antom Santos, Ivám Garcia, Alonso Vidal, Xiana Árias, Sole Rei

DESENHO GRÁFICO E MAQUETACIÃO
Miguel Garcia, Carlos Barros e Alonso Vidal

INTERNACIONAL:
Nuno Gomes (Portugal)
Jon Etxeandia (País Basco)
Juanjo Garcia (Países Cataláns)

COLABORAÇÕES
Maurício Castro, Inácio Gomes, Davide Loimil, X. Carlos Ánsia, Santiago Alba, Kiko Neves, José R. Pichel, Ramom Pinheiro, Joseba Irazola, Asier Rodrigues, Carlos Taibo, Ignacio Ramonet, Ramón Chao, Germán Hermida, Celso A. Cáccamo, João Avelado, Jorge Paços, Adela Figueroa, F. Marinho e João Peres.

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Natália Gonçalves

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartín, Pepe Carreiro, Pestinho +1, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Aduaneiros sem fronteiras

CORRECÇÃO LINGÜÍSTICA
Eduardo Sanches Maragoto

IMAGEM CORPORATIVA
Miguel Garcia

FECHO DA EDIÇÃO: 15/08/05

As opiniões expressas nos artigos nom representam necessariamente a posição do periódico. Os artigos som de livre reprodução respeitando a ortografia e citando procedência. A informação continua periodicamente no sítio web www.novasgz.com e no portal www.galizalivre.org

O RURAL QUE ARDE

A desfeita do património natural tem, na Galiza, a condiçom ubíqua do espectáculo. Com umha sinistra pontualidade, a vaga de incêndios que cada ano assola os montes do nosso país nom só certifica a decadência de um desarticulado mundo rural: confirma também a instalaçom resignada e quase plácida de todo um povo nos piores recordes das piores estatísticas. A já tópica imagem dos tranquilos veraneantes a desfrutarem das praias com o pano de fundo de imensas colunas de fumo negro e o barulho dos hidroavions chegou a ilustrar muito melhor o fenómeno do que as mais lúcidas análises: a indolência fatalista com que assistimos anualmente à presença das brasas e da borralha permite converter mais um problema político com directos responsáveis em inevitável parte da paisagem.

Um consenso bem fundamentado situa a soluçom ao problema numha eficaz política preventiva que recupere o papel económico e social que outrora tivérom os nossos montes. O novo governo autonómico, fazendo-se eco de um sentido comum apoiado por todo o ambientalismo organizado, pareceu oficializar nas suas primeiras declaraçoms esta via tanto tempo desprezada. A evidente falta de tempo para a tomada de medidas de fundo deve levar-nos a manter umha prudência vigilante antes de cairmos em louvanças cegas ou condenaçoms prematuras. Ainda, e em companhia da sociedade civil mais activa, deveríamos atrever-nos a antecipar aqueles aspectos mais conflitu-vo que se perfilham no horizonte.

Os países do capitalismo desenvolvido têm confinado o mundo rural ao puro pai-

sagismo, onde um cuidadíssimo espaço de turismo e lazer urbano substitui sociedades labregas desaparecidas há já várias décadas. Na Galiza, onde a falta de planificaçom e compromisso com as populaçoms rurais deu lugar a umha decadência acelerada e sem remendos, o pensamento mais avançado e audaz tem assinalado terceiras vias possíveis; entre o puro abandono e o desenho de imensas zonas de recreio, a pretensom de um rural realmente produtivo e vigoroso parece ser a melhor garantia de blindagem contra o lume: umha sociedade de aldeias e nom de urbanizaçoms; um espaço plurifuncional organizado a partir da produçom agro-pequária e nom um ermo cinegético para safari-park e vivendas de desenho; uns montes alicerçados na gestom comunal além do florealismo produtivista e empobrecedor. Estas apostas genéricas, materializadas num plano global de longo prazo, achariam difícil acomodo no paradigma vigente de progresso e terciarizaçom que a UE vem executando; por isso a política anti-incêndios e, por extensom, a relacionada com o meio rural, provará nos vindouros anos o alcance real das transformaçoms tantas vezes prometidas.

Nas últimas décadas, os mais activos movimentos populares do nosso país - ambientalistas, sindicais e em defesa da propriedade em mau comum- têm avalizado com a sua constante prática reivindicativa aquelas propostas teóricas empenhadas na viabilidade do rural e na defesa do seu papel simbólico, cultural e produtivo. Da continuidade de todas essas exigências -sem complexos e em plena rua- dependerá a profundidade das medidas de choque que todos exigimos.

GONZALO



www.novasgz.com





NOTÍCIAS

O BNG gerirá a pasta de Cultura, renunciando a Educação e a Política Lingüística

A nova legislatura começa a andar com promessas de 'regeneração democrática'

REDACÇOM / Finalmente, as negociações entre o PSdeG-PSOE e o BNG para o desenho da gestom do poder autonómico fôrom mais singelas do que se temia. As comissões negociadoras, formadas por Ricardo Varela, Dolores Villarino e Xosé Luís Méndez Romeu polo PSdeG-PSOE e Francisco Jorquera, Carlos Aymerich e Ánxela Bugallo polo BNG fôrom as encarregadas de levar ao papel o novo esquema de governo, cujas linhas programáticas se podem resumir na palavra de ordem que Tourinho e Quintana temem repetido sem descanso nas últimas semanas: "regeneração democrática". Porém, nem o acordo nem as declarações dos dous dirigentes fam pensar em profundas transformações de carácter político. Assim, a relativização da importância do processo estatutário e da "dívida histórica" nos últimos compassos da negociação, leva a pensar sobretudo em mudanças de rumo em relação ao funcionamento das conselharias e ao diálogo com a sociedade civil, que a Junta pretende tornar em agente protagonista.

Comunidade de carácter nacional

Para além de definir o quadro espanhol como "estado plurinacional", o texto do acordo resolve finalmente que a Galiza nom é umha naçom mas "umha comunidade de carácter nacional", eufemismo que matiza para a Galiza a própria proposta do PSdeG-PSOE nas negociações para o novo Estatut da Catalunha. O outro eufemismo que afinal vincou no texto aprovado foi o de "défice estrutural acumulado" em substituição do que, conforme à proposta nacionalista, havia de ser definido com o



As comissões negociadoras de PSdeG-PSOE e BNG fechârom o pacto de governo no 22 de Julho / Web do PSdeG-PSOE

termo, já de por si eufemístico, "dívida histórica".

Para além de disquisições terminológicas, o acordo entre os dous partidos que compartilharão o poder quer assentar nomeadamente "a eficácia e a transparência no funcionamento dos poderes públicos". Esta vontade revitalizadora vai-se notar sobretudo no combate ao clientelismo que nas anteriores legislaturas fora especialmente notável na chamada "administração paralela", tantas vezes denunciada através das páginas deste jornal, e no terreno dos meios de comunicação, dos quais se quer banir a manipulação informativa.

No campo económico, adivinham-se umha mudança de atitude em relação com os agentes sociais, encenada já nos primeiros dias com umha reunião entre o chefe do executivo e os porta-vozes das três centrais sindicais maioritárias na Galiza.

Também parece que vai estar entre os planos do novo governo um impulso à I+D e à economia agrária através da Conselharia do Meio Rural que já está a dirigir Alfredo Suárez Canal, o conselheiro mais mediático até o momento pola sua polémica decisom de nom tomar medidas excepcionais contra os incêndios.

O software livre, um domínio galego de internet ou a promoção de seleções desportivas galegas "dentro do quadro legal vigente" serão as apostas simbólicas do novo executivo.

BNG fica sem política lingüística

Porém, a principal frustração após as negociações entre a base social do nacionalismo produziu-se na área de planificação lingüística. A espectacular descida do número de falantes de galego nas últimas décadas fizera com que muitos nacionalistas albergassem umha única

esperança: que o nacionalismo gerisse essa área, o que afinal nom aconteceu, passando a depender de Presidência, que por sua vez ficou em maos do vasquista Méndez Romeu. A justificação interna fôrom as alegadas pressões de Madrid para o impedir, e a contrapartida a criação de umha Comissão Interdepartamental de Seguimento e Impulso do Plano Geral de Normalização Lingüística com representantes de várias conselharias, tal como acontecerá com a política de comunicação. Pola primeira vez, no entanto, reconhece-se a importância do mundo lusófono para a normalização lingüística, sendo referido na alínea de Língua. Nom obstante, a Lusofonia nom volta a ser nomeada, e na área de cultura, apesar de ficar nas maos do Bloco, Ánxela Bugallo nom inspira demasiada confiança no mundo normalizador.

Congresso de Lusitanistas insere Galiza na Lusofonia

REDACÇOM / A nomeação do professor Elias Torres Feijó como vice-presidente da AIL (Associação Internacional de Lusitanistas) foi o principal reflexo do êxito da organização do VI Congresso desta entidade, que pola primeira vez na sua história correspondeu a umha comissão galega da Universidade de Santiago de Compostela.

O congresso, realizado entre os dias 18 e 22 de Julho, foi dedicado a várias figuras do Ressurgimento galego e contou com até 400 especialistas de diversas áreas como a lingüística, a literatura e a sociedade dos diversos territórios que partilham a língua portuguesa ao longo do mundo, se bem que fosse significativamente numerosa a delegação de especialistas procedentes do Brasil.

O ambiente congressual decorreu com o pleno reconhecimento da realidade lingüística e cultural galega como sendo parte da Lusofonia. Deste modo, e como exemplo paradigmático, as comunicações fôrom apresentadas com total normalidade em qualquer umha das normas cultas do português no mundo, incluída a galega, que foi a empregada em todo o momento pola organização do evento.

A celebração do congresso procurou também chegar aos participantes umha visom o mais completa possível da cultura galega e assim, além da apresentação das comunicações e do debate por volta das mesmas, os especialistas fôrom convidados a assistir a várias actuações musicais e artísticas galegas, como as de Marful ou Quico Cadaval, e realizârom umha excursom à Costa da Morte.

R A S S

Churrucá 8 - VIGO

CAFE

BARDO

Cervantes 5. Baixo. VIGO

A tía tenda de Roupa

MAL DIZER

Rua Jús Casbas, 23
(Cerca do Banco de España - Lugo)

A FÁBRICA de VILANOVA

caxa de xaritar - café - museo

Rua Vila Nova s/n
32.660 - Alhariz - Galiza
988.442.434

LIBRERIA

Conde

Emilia Pardo Bazán, 11-13
988 431 204 - libreriaconde@terra.es
32800 CELANOVA Ourense



Milhares de pessoas marcharam mais um ano pelas ruas de Compostela pedindo liberdade para a Galiza / WEB DE GALIZA NOVA

Grande participação num convulso Dia da Pátria Galega

O BNG consegue mobilizar mais simpatizantes que em 2004 enquanto as diferentes forças independentistas se manifestam por separado e sob um forte dispositivo policial

REDACÇOM / Fôrom três as manifestaçõs que partírom da Alameda de Santiago de Compostela para reivindicarem e celebrarem o Dia da Pátria Galega noutro 25 de Julho. O Bloco Nacionalista Galego manifestou-se pola primeira vez desde que chegou ao governo, e as forças independentistas, que em 2004 se unírom na convocatória das Bases Democráticas Galegas, este ano concorrêrom separadamente.

Recuperando manifestantes

Os militantes e simpatizantes do BNG partírom ao meio-dia da Alameda na manifestaçom mais numerosa. Aliás, a primeira manifestaçom do BNG desde a recente entrada no governo conseguiu reunir mais pessoas que em 2004: mais de 20.000, segundo a organizaçom. O lema eleito por esta formaçom para a nova ediçom do Dia nacional foi "Galiza vai contigo". A manifestaçom acabou na praça da Quintá e a encarregada de apresentar o acto foi a já conselheira da Cultura, Ánxela Bugallo. Nele participárom o vice-presidente do governo Anxo Quintana e o secretário geral de Galiza Nova, Xosé Emilio Vicente Caneda.

Quintana reivindicou no seu discurso um novo Estatuto de Naçom e reclamou ao Estado espanhol o reconhecimento da dívida histórica que tem com a Galiza. Logo a seguir, os nacionalistas jantárom, como é tradiçom, na Carvalheira de Santa Susana.

Marcha pola república galega

Com um cartaz inicial em que se lia "Política de esquerda. República galega" que levavam, entre outras pessoas, Méndez Ferrín e Mariano Abalo, transcorreu a manifestaçom da Frente Popular Galega, que partiu também da Alameda para chegar à praça do Toural, entre berros de "independência" e "Galiza ceive, poder popular". Méndez Ferrín, que lembrou no palco a execuçom de Julián Grimau, falou do novo governo como umha aliança de "de neoregionalistas e socialdemocratas". Os actos contárom com a participaçom activa dos moços e moças da Adiante (Mocidade Revolucionária Galega), organizaçom juvenil ligada ideologicamente à FPG, que solicitou o compromisso com o independentismo que ela representava. Adiante-MRG aproveitou para distribuir e dar a conhecer o primeiro número do seu boletim porta-voz nacional, o Embate.

AMI nom participa nos actos

A organizaçom juvenil independentista AMI nom participou em nenhuma das manifestaçõs convocadas para o dia 25 e os seus actos limitárom-se à tradicional Rondalha da Mocidade com a bandeira na noite anterior ao Dia de Pátria. Esta XI ediçom estivo fortemente marcada pola detençom e incomunicaçom de dous militantes dessa organizaçom no dia anterior, mas percorreu com normalidade as ruas da zona velha de Compostela,

agrupando mais de cem pessoas atrás de umha faixa em que se podia ler: "O futuro está na luta, o futuro está na Terra". Durante a festa posterior organizada na Porta do Caminho, denunciaron a situaçom de precariedade laboral da juventude galega e a detençom e incomunicaçom de Ugio Caamaño e Giana Rodrigues, exigindo a sua imediata posta em libertaçom.

I Jornada de Rebeliom Juvenil

Por sua vez, a organizaçom juvenil revolucionária galega BRIGA decidiu apoiar a convocatória da manifestaçom de NÓS-Unidade Popular para este Dia da Pátria, mas na véspera organizou a I Jornada de Rebeliom Juvenil com actos diversos relacionados com a necessidade de agir perante as medidas repressivas que o Estado espanhol implementa contra o independentismo organizado. Estes abrírom-se com umha mesa redonda sobre Juventude e Repressom, em que participárom Séchu Sende e Xosé Brandariz. A seguir umha outra mesa, Jovens e Auto-organizaçom, em torno dos movimentos juvenis da esquerda independentista da Galiza, dos Países Cataláns e de Castela. Finalmente, como acto de solidariedade com a outra organizaçom juvenil independentista polo tratamento mediático sofrido nesses dias, BRIGA participou com faixa própria na XI Rondalha da Juventude com a bandeira que organizava a AMI. A elaboraçom de um graf-

fitti "Quem fai a lei fai a trampa" e um concerto na praça de Maçarelos pugérom o ponto final aos actos dessa I Jornada de Rebeliom.

Sob controlo policial

A organizaçom independentista NÓS-Unidade Popular convocou umha manifestaçom no Dia da Pátria, desta vez com o lema "Nem estatuto, nem constituicõm: autodeterminaçom". Às 13 horas saía da Alameda para dirigir-se até a praça de Maçarelos. Palavras de ordem contra Espanha e reclamando a independência fôrom ouvidas pola polícia nacional que controlava a marcha com vários efectivos. Nom faltárom também palavras de solidariedade com os independentistas detidos nos dias anteriores. No discurso final, Maurício Castro fijo um claro chamamento à unidade do independentismo para ampliar a sua base e reclamou ao novo governo da Junta, entre outras cousas, que abra "um processo político em que o povo galego tome a palavra para decidir o seu estatuto político sem excluir nenhuma possibilidade, partindo do reconhecimento do direito de autodeterminaçom". A seguir tivo lugar um jantar de confraternizaçom e umha mesa debate com representantes das organizaçõs catalás MDT e Endavant, a basca Batasuna, a portuguesa Política Operária e a própria NÓS-UP com o título "Esquerda e autodeterminaçom".

CRONOLOGIA

◆ 10.07.05

Memória. Comissom Viguesa pola Memória de 1936 exige a Madrid a restituicõm dos documentos galegos de 1936 a 1975.

◆ 11.07.05

Infra-estruturas. O *Plano Galiza* é assumido oficialmente polo Executivo espanhol e integrado no PEIT.

◆ 12.07.05

Espanholizaçom. Instituto Cervantes celebra reuniom internacional na Corunha com Pérez Tourinho e Francisco Vázquez.

◆ 13.07.05

Encc. PSOE e BNG asseguram que a celulose sairá da Ria.

Demografia. Segundo o Insero, 21.3% da populaçom da CAG é maior de 65 anos e temos a pior cobertura assistencial do Estado.

◆ 14.07.05

Infra-estruturas. A *Confederaçom de Empresários da Galiza* valoriza positivamente o PEIT.

Carta-bomba. Francisco José V. P. é ferido ao receber umha carta-bomba.

◆ 16.07.05

Antom Moreda. É homenageado o histórico nacionalista e secretário do Conselho da Mocidade.

◆ 17.07.05

Manipulaçom informativa. AMI qualifica de "intoxicaçom político-policial" as informaçõs que a vinculam ao envio de umha carta-bomba a Francisco José V. P.

Espoliaçom energética. As centrais de ciclo combinado das Pontes e Sabom começárom a trabalhar em 2007.

◆ 19.07.05

Língua. PSOE dirigirá a política lingüística da administraçom autonómica.

Morte no trabalho. O camionista Manuel M. morre nas obras do porto exterior corunhês.

◆ 20.07.05

Turismo. 300.000 pessoas visitárom a CAG no primeiro semestre de 2005 som , 3,5% mais do que em 2004.



◆ 21.07.05

Galiza como naçom. A administração bipartida reconhece o "carácter nacional da Galiza", mas nom os direitos políticos que dela se derivam.

◆ 22.07.05

Resistência galega. Difunde-se um *Manifesto pola Resistência Galega*, aparecido na página brasileira de Indymedia.

PSOE e BNG pactuam. Fecha-se o acordo entre as formações oferecendo "diálogo" ao PP.

◆ 24.07.05

Internet. Segundo a *Fundação BBVA*, só 30% dos e das galegas utilizáram a rede algunha vez.

Sentimento nacional. *Grupo Voz* publica um estudo de *Sondaxe* segundo o qual 12.2% da população galega nom se sente espanhola.

◆ 26.07.05

Fronteira. Mais de 3.000 operários atravessam diariamente a raia com Portugal por motivos laborais. 57% residem na Galiza.

CCOO espanholista. Opom-se à transferência à Galiza dos portos de interesse geral hoje geridos por Madrid.

◆ 27.07.05

Morte em Ramilo, S. L. O operário da empresa viguesa Manuel A. C. é esmagado por umha prancha de granito.

Ence ganha. A papelreira acrescenta ganhos em 41% durante o primeiro semestre.

◆ 28.07.05

Repressom. Ceivar convoca concentrações de solidariedade com os dous independentistas presos.

Moço morto no trabalho. Javier V. G., de 22 anos e vizinho de Sanguiñeda (Mós), é esmagado pola máquina elevadora que manipula.

Independentistas Ugio Caamaño e Giana Rodrigues presos no cárcere madrilenho de Soto del Real

REDAÇOM / A detençom de Ugio Caamaño e Giana Rodrigues na tarde do dia 23 de Julho como supostos autores da colocaçom de um explosivo na sede de Caixa Galicia em Compostela, serviu para desatar umha intensa campanha mediática de descrédi-

A única versom existente sobre os factos acontecidos no dia 23 de Julho e as detenções simultáneas é a dada pola Polícia espanhola. Esta versom "oficial" foi a repetida polo conjunto da comunicaçom social, mas em meios próximos do independentismo nom se lhe dá credibilidade, por responder a interesses políticos concretos (criminalizar o independentismo, pôr na mira policial determinadas organizaçom e pessoas, preparar a "opiniom pública" para futuras intervenções repressivas e criar um ambiente favorável às mesmas). A situaçom de incomunicaçom absoluta a que fõrom submetidos os militantes independentistas detidos impossibilita o conhecimento de qualquer outra

versom do sucedido. Só como exemplo, ao contrário do afirmado polos meios informativos, Ugio Caamaño encontrava-se emigrado na Catalunha até o dia da sua detençom, sendo falsas as informaçom que asseguram que teria saído da sua casa familiar disfarçado. Esta falsidade informativa também situa no olho do furacão repressivo a sua família, umha vez que o domicílio desta apareceu publicado em diversos meios.

Foi-lhes aplicada a polémica legislaçom antiterrorista

Os detidos fõrom conduzidos à esquadra da Polícia espanhola em Compostela e submetidos à aplicaçom da legislaçom "antiterrorista". Isto implica a supressom de todos os direi-

to contra a formaçom independentista AMI, da qual os dous moços som membros. Enquanto os detidos permaneciam incomunicados, os partidos políticos PP, PSOE e BNG faziam pública a sua "enérgica repulsa" polos acontecimentos.

tos constitucionais formais de que umha pessoa detida dispom no Estado espanhol. O detido ou detida nom pode pôr em conhecimento de ninguém a sua detençom e nom pode nomear um advogado ou advogada da sua confiança; fica apenas em companhia dos seus captores sem que nenhuma presença externa poda fiscalizar o que ali acontece durante um prazo de 72 horas, prorrogável a 120. É neste regime de incomunicaçom, autorizado pola Audiência Nacional espanhola, que se cometem multitud de casos de maus tratos e torturas, como tenhem vindo a constatar organismos tam pouco suspeitos de parcialidade como a Amnistia Internacional, a ONU ou diversas entidades

contra a tortura e os tratos inumanos e degradantes. Porém, segundo as informaçom obtidas por NOVAS DA GALIZA, os detidos nom fõrom submetidos a torturas físicas durante a sua detençom e a incomunicaçom prolongou-se durante 3 dias. A Polícia espanhola nom solicitou neste caso a prórroga das detenções até os 5 dias.

Quando fõrom postos a disposiçom judicial, familiares dos detidos e membros da organizaçom anti-repressiva CEIVAR deslocárom-se até a Audiência Nacional (Madrid) no dia 26, à procura de informaçom sobre a sua situaçom, mas nom o conseguírom. Os motivos alegados fõrom a segurança e da distorçom das investigaçom. Mesmo se re-

O 'historial' da Giana e do Ugio

◆ Os dous independentistas detidos caracterizam-se por um perfil individual completamente contrário ao transmitido polos meios de difusom. Segundo os seus conhecidos e amigos som pessoas com umha funda implicaçom social e política e "um grande amor por este País". Nom se pode falar de pessoas "patológicas", "associais" ou "fanatizadas" como se tem feito nalguns meios sem contrastar as informaçom e reproduzindo integralmente a versom policial. Para os seus companheiros e companheiras, a ideia de que se trata de pessoas inconscientes e alouçadas, vendida polos meios de difu-

som, fai parte da campanha de calúnias de que fõrom objecto e pretende desprestigiar as pessoas e o que elas representam politicamente.

Ugio Caamaño é militante independentista desde muito jovem. Licenciado em Económicas, tem participado muito activamente na construçom de meios de comunicaçom galegos. Desenvolveu diferentes responsabilidades na AMI, foi membro da Direcçom Nacional de NÓS-UP e umha das pessoas que participou na sua constituçom em 2001 através do Processo Espiral. Como contributos teóricos destacam significativos estudos no



campo da adequaçom do marxismo às problemáticas ligadas ao nacionalismo, o ambientalismo e os movimentos sociais.

Giana Rodrigues tem participado desde jovem no movimento estudantil galego. É militante da AMI, para além de activista no movimento

feminista e dinamizadora da construçom de locais sociais no nosso País. Fora agredida há agora quase três anos por agentes da Polícia local compostelana. Tendo sofrido contusom por este motivo está pendente a resoluçom de umha denúncia contra este corpo da Polícia municipal.

PROJECTO GLOBAL
projectoglobal.com



cusou aos familiares, submetidos a três dias de máxima tensão e desconcerto pola situación, a possibilidade de verem fisicamente os seus fillos. O juiz substituído do titular Ismael Moreno foi quem denegou qualquer comunicación entre apegados e detidos. Aliás, tamén se recusáron a dar qualquer tipo de información sobre as acusacións realizadas contra os independentistas.

A incomunicación foi mantida por ordem do juiz até a entrada na prisión madrileña de Soto del Real ou Madrid 5, situada nunha planicie ás aforas de Madrid. Só sete días despois, através de locutórios, é que se permitiu o contacto entre detidos e familiares directos.

Num proceso de adaptación ao mundo penitenciario, Ugio Caamaño encontra-se no módulo 2 de Soto del Real e Giana Rodríguez no 12 (Módulo de Mulheres); som módulos de presos FIES-3 (terroristas) em companhia de presos e presas políticas bascas. Têm as visitas reducidas, por enquanto, às familiares, o correio intervindo e as comunicações realizam-se num locutório, gravadas. Até o momento non podem receber visitas de companheiros e amigos, unha situación que se prolongará em princípio durante 60 días desde a entrada na cadeia.

Mostras de apoio aos detidos

A solidariedade tem sido manifestada por parte de dúzias de persoas que se ofrecéron para visitá-los nos cárceres, escrever, colaborar con as necesidades económicas que

se derivam da nova situación ou participarem em concentracións e actos de solidariedade. Os colectivos NÓS-UP, AMI e BRIGA manifestáron a sua solidariedade em comunicados públicos.

Por sua vez, o organismo anti-repressivo CEIVAR confirmou a este jornal que se responsabilizará pola "assistência jurídica aos presos, polas cuestións derivadas da estancia em prisión e pola mobilización em favor da liberdade dos dous patriotas galegos". Para este colectivo anti-repressivo a condición de Ugio Caamaño e Giana Rodríguez é a de dous presos políticos, e o seu ingreso em prisión é "a expresso e o sintoma de un problema político non resolvido, como é a falta de soberanía nacional que sofre o noso País e o proceso de extinción como projecto nacional em que nos encontramos."

Tratamento mediático recebido pola AMI

Na organización juvenil AMI denuncia-se o papel colaboracionista con a repressión que os medios de comunicación espanhóis están a desempeñar, suprimindo a presunción de inocência ou facendo com que factos individuais tipificados como delictivos polo Código penal español se tornassem responsabilidades colectivas e de persoas jurídicas, ao ter-se tratado a AMI como se fosse unha organización armada. Assim chegaron a publicar-se cabeçalhos do tipo "Desarticulada a cúpula da AMI" quando esta organización é perfectamente pública e legal.

Moncho Reboiras é homenageado no XXX aniversario do seu assassinato

REDACCIÓN / Coincidindo com o XXX cabo de ano do assassinato de José Ramon Reboiras Noia em Ferrol, as formações políticas UPG, FPG, AMI e NÓS-Unidade Popular organizaron diversos actos de lembrança do combatente galego.

A Unión do Povo Galego (UPG) homenageou o que foi un dos seus mais destacados militantes e impulsor da sua Frente Militar, liquidada despois da morte de Reboiras. Neste XXX aniversario apresentou un programa de actos composto por unha concentración às doze da manhã no cemitério de Imo, onde se depositou un ramo de flores na tumba do militante. Às sete e meia da tarde concentráron-se na Praça de Armas de Ferrol para logo caminharem até a portaria em que Reboiras foi assassinado. No fim desta segunda concentración, realizou-se na Praça das Armas un acto político em que participáron, entre

outros tribunos, Elvira Souto e Bautista Álvarez.

A Frente Popular Galega concentrou os seus militantes e simpatizantes na igrexa da paróquia natal de Moncho Reboiras, Imo.

A Assembleia da Mocidade Independentista (AMI) convocou a juventude a unha concentración no día 12 de Agosto em Vigo, durante a qual a Praça do Berés tomou o nome de Praça de Moncho Reboiras. Ao acto político, no que um membro do Conselho Nacional da AMI entrevistou para ligar o exemplo do revolucionário assassinado ao da "mocidade combatente que segue a lutar por Galiza e o seu povo trabalhador", assistiron uns 40 moços e moças.

Finalmente, a assembleia comarcal de NÓS-Unidade Popular de Ferrol levou a cabo unha concentración às sete e meia da tarde perante a portaria da rua da Terra onde Reboiras foi baleado, há agora trinta anos.

Ramom Pinheiro Beiro 'Tupa' é lembrado em Lira no VI aniversario do seu falecimento

REDACCIÓN / Sessenta persoas assistiron no passado sábado día 27 de Julho à homenagem que companheiros, amigos e familiares tributáron no cais de Porto Cubelo ao militante nacionalista e ex-membro do EGPG Ramom Pinheiro Beiro, mais conhecido como 'o Tupa'. O acto consistiu nunha evocación da figura do militante nacionalista por parte de Ramom Muntzaraz e dos ex-presos independentistas Xavier Filgueira Domingues e Antom Árias Curto, incidindo-se no compromisso político e sindical de Ramom Pinheiro, a sua militancia no EG e a sua vertente mais humana e pessoal.

Após o canto do hino nacional e do lançamento de vários

cravos vermelhos ao mar de Lira, a assistência deslocou-se até a casa natal do independentista, onde foi descoberta unha placa de madeira na sua honra com a legenda 'O povo non esquece no sexto cabo de ano do falecimento do Tupa.' Despois do canto da Internacional, familiares e amigos e amigas reuníron-se na casa de Ramom Pinheiro Beiro.

Por sua vez, no passado día 5 de Agosto, tamén recebeu unha homenagem em Vigo o independentista galego Júlio Torres Couso, histórico militante de Galiza Ceive e da APU, recentemente falecido na emigração.



Banca aumenta ganhos. Banco Pastor eleva os seus benefícios em 88%.

◆ 31.07.05

Economia galega. O PIB da CAG cresce 2.8%, 0.5% menos do que o estatal. IGE atribui a diferença a "mudanças metodológicas" na estatística.

◆ 2.08.05

Operário morto no Porrinho. Néstor Ó. I. eleva a 54 as mortes no traballo na CAG durante 2005.

Despedimentos. Companhia têxtil ferrolana Unicen anuncia despedimento de 113 operários.

Caixa Galicia e Ence. A entidade financeira é o principal sócio de Ence com 16.92% do seu capital social.

◆ 3.08.05

Exército espanhol. 200 soldados da Brilat partem da Lavacolha rumo ao Afeganistão. Doze deles morrerán duas semanas despois. O Ministério da Defesa tenta desacreditar a hipótese do ataque da resistência.

◆ 4.08.05

Sector lácteo. 11.600 ganadeiros galegos deverán pagar multa de 14.6 milhões por exceder a quota de produción fixada pola UE.

Morte laboral. O marinheiro de Portozinho Joaquim V. Q. morreu quando estava a trabalhar.

◆ 6.08.05

Banca na Galiza. Caixanova ganha 49.4 milhões nos primeiros seis meses do ano.

◆ 7.08.05

Incêndios. 13.806 hectares ardem na CAG em menos de unha semana.

Sinistro laboral. Falece o piloto anti-incêndios e veador de Lánca do BNG António D. quando participava na extinción de un incêndio.

◆ 8.08.05

Arde o Berzo. Incêndios arrasam bosques bercianos. Presidentes autárquicos solicitam ajudas a Madrid.

Supertaxa láctea. O pagamento da sanção pode levar ao encerramento de 2.300 pequenas e médias explorações.

o Estado español impom unha sangría económica os independentistas

Neste país, dar a cara sae caro

Colabora contra a repressión económica
2091 0395 21 3040001337



INTERNACIONAL

"A oficialidade do euscara no conjunto do território basco é umha medida que nom pode demorar mais"

País Basco em basco, Euskal Herria Euskaraz, nascia em 1979 para a defesa da língua basca, lutando desde entom pola sua presença social e institucional, encaminhada ao reconhecimento dos direitos lingüísticos do seu povo. Falamos com Mikel Irastorza, membro deste colectivo.

Em relação à situação do basco, estades a viver um processo de retrocesso ou de recuperação?

Após um processo de contínuo retrocesso, podemos afirmar que na actualidade nos encontramos num momento de recuperação lingüística. Isto deve-se a umha clara vontade da população em favor da normalização da língua. As provas som o contínuo incremento das inscrições no modelo de ensino em basco, o facto de terem começado a andar diferen-

tes projectos de normalização lingüística, a actuação do conjunto dos diferentes organismos populares que trabalham pola reuskaldunização (euskalgintza)... e o que talvez seja mais importante: a aquisição de compromissos reais por parte dos diferentes agentes sociais (empresas, organismos sociais, partidos políticos e sindicatos ou cidadás e cidadãos a título pessoal). Em qualquer caso, ainda nos é impossível afirmarmos que o processo

de recuperação tenha atingido um ponto de irreversibilidade. Mostra disto é a ausência de iniciativas políticas que resolvam definitivamente a permanente conculcação de direitos lingüísticos em cada umha das administrações do país, a falta de um status de oficialidade real.

Como avalia a crescente adopção na Comunidade Autónoma Basca (CAB) do modelo monolíngüe em euscara na educação? A que se deve?

Este contínuo incremento da procura é um fenómeno que nom se produz exclusivamente na CAB mas em todo o País Basco. Cada ano é mais elevado o número de inscrições no modelo euskaldun, apesar dos entraves colocados pola administração (aglomeração do estudantado, redução de subsídios...). Pensamos que esta tendência positiva obedece à aposta que fai umha grande maioria dos cidadãos e cidadás na construção de um país euskaldun. Em qualquer caso convém nom esquecermos que no conjunto do País Basco a percentagem de estudantes que finaliza os estudos com conhecimento do euscara atinge só 60%. É por isso que temos estado a denunciar durante

anos a ilegalidade desta política, por entendermos que som activos na conculcação dos direitos lingüísticos da população.

Em que medida contibuírom os movimentos lingüísticos de base para a normalização do basco?

O labor de 'euskalgintza' na normalização do basco tem sido determinante em diferentes sentidos; talvez o facto de que se trate de um movimento social tam amplo e diversificado tenha contribuído para isto. Hoje em dia falar de 'euskalgintza' é falar de ensino em euscara, alfabetização de pessoas adultas, publicação de livros e revistas, criação de meios de comunicação, criação de planos de normalização locais, mobilização e denúncia para eliminar as dificuldades que impedem um pleno desenvolvimento do basco... em definitivo, é falar de um movimento que, devido ao trabalho desenvolvido durante anos e aos logros conseguidos, conta com um importante reconhecimento social.

Nos dias de hoje, existem condições para que um monolíngüe em basco possa viver plenamente sem mudar de idioma na sua terra?

Ainda que haja um número importante de localidades que, ao entrarem na Mancomunidade de Municípios Euskalduns (UEMA), optárom por desenvolver toda a sua actividade administrativa em basco (na actualidade 52 povoações), o certo é que a tónica geral é outra muito diferente. A legalidade impom-se nestes casos e enquanto o espanhol e o francês sejam as línguas de conhecimento e uso obrigatório, o euscara continuará a ficar relegado a um segundo plano.

Que medidas urgentes pensas que devem ser adoptadas neste sentido?

Pensamos que a oficialidade real do basco no conjunto do seu território é umha medida que já nom pode demorar mais. Trataria-se de umha medida de carácter estratégico pola sua repercusom na normalização do euscara. Em qualquer caso, a oficialidade reflectiria-se em medidas mais concretas como garantir o conhecimento da língua no conjunto do estudantado por meio da escola e declarar a obrigatoriedade do conhecimento do basco no conjunto de ofertas de emprego público.

CRÓNICA DESPRETENSIOSA DE UMA PEQUENA VIAGEM por Nuno Gomes

3 de Julho, 12h25, no comboio entre Redondela e Santiago

As viagens começam a enervar-me. Sempre as fiz com tudo combinado ao segundo, tudo tratado. Compromissos certos. Hoje as peripécias enredam-se, e ainda nem digeri o pequeno-almoço. A viagem é só de dois dias, o mais certo é nem acabar a digestão. Não me atendem o telefone, isto começa a preocupar-me.

Não se nota qualquer diferença entre a Galiza e o Minho. As casas são igualmente feias, os eucaliptos omnipresentes, a ocupação do solo é a mesma. [E a língua ecoa, vinda do outro lado do Minho. Aqui e ali o som é mais claro, e o português da Galiza soa como tal. Mas invariavelmente fala-se um português tão castelhanizado que o eco é quase imperceptível]

[As aves que ia vendo pela janela do comboio] Poupa, pèga rabuda, andorinha, gaivota argentea, avestruz, corvo, rola, melro. [A minha tia diz-me que antes, na Póvoa (de Varzim, a minha terra), havia poupas. Nunca as vejo agora, só quando viajo]

A Galiza tem dos subúrbios mais repelentes que os filhos de Deus já viram. [Nunca mais critico os subúrbios portugueses como o fazia antes]

Na Galiza a heterogeneidade ibérica é translucidamente evidente, mas com uma invulgar profusão de genes britânicos. Os irlandeses, ruivos e de ar indeciso, são comuns por aqui. Há muitos de cabelos castanhos, ainda mais do que ruivos. [Em Compostela (e não Santiago, como eles gostam de enfatizar) comem rã e chouriço

acompanhados de Alvarinho, e perseguimos Quico Cadaval pelas estreitas ruas centrais. Quando o Eduardo me perguntou se queríamos ir a uma festa galega, ao invés da visita a uma aldeia galega, nunca pensei que fôssemos a um São Pedro. A festa do solstício na Póvoa versa o mesmo santo com as chaves, e foi com uma agradável familiaridade que me juntei a algumas dezenas de galegos, num relvado perto do centro. Gaitas, caixas e... Super Bock. Se restava alguma dúvida da sensação de pertença, de estar numa celebração que também era minha, a cerveja desvaneceu-a. Estava entre os meus] Mais uma vez, a história da fronteira mais idiota da história.

20h45, no comboio Regional Compostela-Ourense

Qualquer ideia negativa ou pejorativa que poderia ter sobre a paisagem galega desvaneceu-se totalmente. A linha Compostela - Ourense é inacreditável. O sol de fim de tarde, tangente, dá a tudo um tom dourado-chamuscado que idiliza qualquer mundo feioso. Mas esta paisagem, acredito, até num dia amaldiçoado pareceria belíssima.

Na estação de Ponte Tabuada

O Mika acorda e diz 'xau' e eu discorro sobre o colonialismo arquitectural das estações de comboio galegas. Ele meneia com a cabeça, como quem diz 'sim, sim'. Mas afinal não, está mesmo a dormir. O estranho das minhas viagens é só adormecer segundos antes de acabarmos. Não percebo bem qual a razão desta disfuncionalidade corporal. [Devido a uma qualquer tradição



galega que ignorava, o Valentim, que apenas conhecia da internet, deu-me a chave do seu apartamento poucos minutos depois de me conhecer. Agradeço o amável gesto social, mas eu poderia ser mais um louco com o estranho prazer de partir ou roubar a propriedade alheia. Violento ou cleptómano, acabei por receber uma chave. No sítio reintegracionista onde estávamos, anunciava-se o 'fino' Super Bock. Como em casa]

Gosto muito das mulheres reintegracionistas. São estranhamente mais atraentes que as não-reintegracionistas.

[A expressão anglófona *mixed feelings* é a que melhor caracteriza as memórias que guardei da viagem. Gostei de ver o 'fino' Super Bock, mas estranhei os amigos reintegracionistas a responderem-me em português de Portugal. Às vezes questiono-me sobre as suas verdadeiras motivações. Dizem que aproveitam todas as oportunidades que têm de treinar a pronúncia. Como são quase todos de filologia, consigo compreender a vontade. Mas estranho-a. Os reintegracionistas não podem nunca confundir qualquer predileção que possam ter por Portugal com a luta da língua, que é o seu principal objectivo].

O agro ante os acordos globalizantes na agricultura e alimentación

XOSÉ MANUEL GONZÁLEZ VILAS

A OMC CONSGRA O DESEJO DE MONOPOLIZAR A PRODUÇOM MUNDIAL DE ALIMENTOS NAS POUCAS MULTINACIONAIS GLOBAIS (KRAFT, MONSANTO, SYNGENTA, UNILEVER...) E TAMBÉM CONSGRARIA A PRIVATIZAÇOM DE TODO O TIPO DE BENS E SERVIÇOS PÚBLICOS.

Nom é novo falar sobre as conseqüências das diferentes "integraçoms" económico-jurídicas que imponhem os poderes do aparelho do Estado espanhol sobre o nosso tecido económico agrário próprio. Podemos remontar já no século XIX às tentativas da Restauraçom borbónica de apropriar-se dos montes comunais como um início modernizador que termina nos latifúndios do património florestal do Estado franquista; ou mesmo falar das políticas 'arancelares' de início do século XX que estrangulam a vocaçom ganadeira exportadora.

Contudo, som os acordos que toma o general Franco na década de 50 a favor de umha integraçom do agro na esfera dominante das multinacionais dos EUA que provocam as importaçoms obrigatórias de cereais e soja para serem alimentadas as granjas sem terra. Estos acordos

favorecem a desapropriaçom dos comunais com a ajuda do Instituto da Emigraçom que organiza quadros de pessoal integrados por moços e moças das aldeias para formarem futuros trabalhadores e trabalhadoras na Europa. A desconexom da terra é fulcral para entendermos o que acontece depois. Do paternalismo do franquismo agrário (expressado nas UTECO, que logo dariam lugar a cooperativas como COREN e LEYMA) passamos aos anos 80, à paralisaçom de projectos auto-desenvolvidos por mor da entrada na CEE, na qual se desenha a aniquilaçom "subvencionada" de mais de cento cinquent mil exploraçoms em menos de 20 anos. Em beneficio da macroeconomia de pam barato para a classe operária é sacrificada qualquer alternativa sustentável no agro que ponha em questom a acumulaçom cada vez mais

alheia geográfica e politicamente. Isto é o significado das quotas, direitos de plantaçom, primas às vacas nutrices e outros engados que nom impedem a descida em termos reais dos preços dos nossos produtos.

A seguinte etapa de integraçom seria já letal de mais se observamos que a OMC (criada do anterior GATT) consagra a livre actuaçom dos actores transnacionais na forma de eliminaçom de 'arancéis' (que ainda existem) e outras limitaçoms às importaçoms. O esquema é simples: um ou vários operadores transnacionalizados (espanhóis ou estrangeiros) afundam os preços nos territórios nom controlados através da ajuda ao desenvolvimento (cereais grátis), exportaçoms subsidiadas, entrada de produto foráneo sob dumping (produzido por baixo do custo) que seja laboral quer ambiental (mao-de-



obra muito barata e auséncia de restriçoms à poluiçom e destruiçom de solos e águas).

É por isso que o SLG trabalha na sensibilizaçom para a importância de saber quem quer controlar a nossa agricultura e alimentación. As grandes superfícies controlam mais quota de venda ao consumidor em vez de fomentar os mercados locais e a publicidade condiciona as crianças para consumirem produtos com textura cremosa e gosto doce ('bollicaos', cereais de almoço, 'pollo blando pimplollo', etc.) e rejeitar o recendo e textura dos produtos labregos (carne, vinho, horta, etc.).

Esta integraçom que parte do macroeconómico ao somático fará inviável qualquer projecto de soberania nacional já que elimina a salvaguarda mínima com a mais cruel das dependências que é a necessidade de importar todos os alimentos.

A OMC consagra o desejo de monopolizar a produçom de alimentos nas poucas multinacionais globais (Kraft, Monsanto, Syngenta, Unilever...) e também consagraria a privatizaçom de todo o tipo de bens e serviços públicos. Por exemplo, no Iraque ocupado já é proibida a reutilizaçom de sementes comerciais. Em Dezembro temos umha cimeira da OMC en Hong Kong, até agora fracassáram os anteriores encontros de Seattle e Cancun, e o labor das organizaçoms labregas do mundo inteiro integradas na Via Camponesa (onde está o SLG) foi fundamental. E por isso estivemos en Vigo, Verim, na Rua e Riba d'Ávia, para continuarmos nas demais vilas, informando e convencendo de que outra agricultura e outro País é possível.

Xosé Manuel González Vilas
é secretário de Açom Sindical em Sectores Agrícolas do SLG

FOI DITO

"O SPIDERMAN DO VERAO EM OURENSE VOLTA A SER DETIDO E SOMA UM TOTAL DE 35 DETENÇOMS"

Faro de Vigo

Cabeçalho. 09.08.05

"UMHA VIZINHA CONSEGUE DORMIR APÓS OITO ANOS DE LUITA CONTRA O BARULHO"

El Correo Gallego

Manchete da capa. 26.07.05

"SOMOS NOVE COMPANHEIROS QUE MANTEMOS UMHA LUITA CONTRA O ESTADO"

Um Guarda Civil

Envolvido no assassinato de Roquetas de Mar. Denuncia o "abandono" que dizem estar a sofrer. 06.08.05

"NOM PODEMOS MATAR TODOS OS NOSSOS INIMIGOS"

Bill Clinton

Denuncia perante Bush o beco sem saída que é a política de guerra total dos EUA. 09.08.05

"SE CONTINUAREM A CHEGAR IMIGRANTES, NALGUNS SÍTIOS GANHARÁ UM LE PEN"

José María Sánchez Fornet

Secretário geral do Sindicato Unificado da Polícia (SUP). 02.08.05

"MUTISMO NA AMI QUE PREPARA UMHA CIMEIRA APÓS O ATENTADO FALIDO"

El Correo Gallego

Manchete da capa. 26.07.05

"VERA SAIRÁ DO CÁRCERE 24 HORAS POR SEMANA PORQUE SOFRE DEPRESSOM"

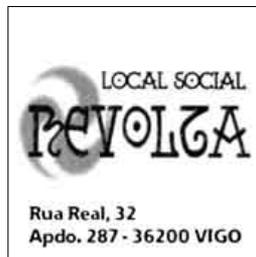
La Voz de Galicia

Cabeçalho sobre o ex-secretário de Estado implicado na 'guerra suja' 06.08.05

"PASSAR TEMPO FORA DE WASHINGTON DÁ AO PRESIDENTE UMHA FRESCA PERSPECTIVA DO QUE PREOCUPA À GENTE DA RUA"

Porta-voz da Casa Branca

03.08.05





A FUNDO

'Galiza Qualidade' permite apresentar produtos foráneos como galegos

OS CONSELHOS REGULADORES CRITICAM O DESLEIXO DA JUNTA PARA ESCLARECER AQUILO QUE OS DISTINGUE

O incremento no consumo de produtos com indicação de qualidade num mercado cada vez mais diversificado derivou na criação por parte da UE no ano 1992 de umha normativa para regular o funcionamento destes indicativos. Mas na Galiza acontece que

os conselhos reguladores, responsáveis pola supervisión dos produtos galegos de qualidade, consideram que o uso do indicativo topográfico 'Galiza' na marca de garantia 'Galiza Qualidade' causa confusom entre as pessoas consumidoras.

ERICA DO CABO / Em 1992 a Comunidade Europeia criou, no quadro da política de qualidade relativa aos produtos agrícolas alimentares, sistemas de valorização e protecção das denominações geográficas e das especialidades tradicionais. O Regulamento 2081/1992 na Galiza véu a substituir a denominação Produtos Galegos de Qualidade, criada pola Conselharia de Agricultura em 1983 para geri-los. Desde 1992 estes produtos evoluírom para umha das formas que recolhia a nova normativa europeia: as Denominações de Origem Protegida (DOP) e as Indicações Geográficas Protegidas (IGP) maioritariamente, mas também para as Especialidades Tradicionais Garantidas (EGT) e a agricultura ecológica. A normativa europeia estabeleceu desde entom umha protecção jurídica automática a escala europeia para os produtores destes alimentos, favorecendo ao mesmo tempo a perdurabilidade dos produtos específicos e tradicionais e facilitando aos mais de 400 milhões de consumidores europeus a compra de uns produtos cada vez mais procurados. A potencialização dos indicativos de qualidade contribuiu também para estimular o desenvolvimento económico das zonas de produção, habitualmente rurais, assim como para a manutenção de umha produção agrícola variada.

Mas na Galiza as denominações de origem encontraram um entrave na existência de um selo de qualidade que emprega o referente topográfico 'Galiza' para a promoção do produto, quando a procedência galega destes produtos nom está totalmente garantida, bastando que o ciclo produtivo seja fechado na Galiza. Embora nom contemplem 'Galiza Qualidade' como concorrência, nom entendem como um selo de qualidade leva o nome de umha região, sobretudo tendo em conta que em comunidades autó-



Dos 32 produtos hoje registados em 'Galiza Qualidade' quase 70 por cento som de carácter agro-alimentar, âmbito de actuação das denominações de origem.

nomas como a Catalunha ou a Andaluzia, onde também existia um selo de qualidade que fazia confusom, o nome lhe foi mudado. O problema é que, como afirma Mari Sé Mosteiro, do Conselho Regulador do Queijo de Tetilha, "todo o mundo relaciona 'Galiza Qualidade' com os produtos galegos de qualidade e isto nom é assim".

DGP's e IGP's

A Galiza tem actualmente, no registo comunitário de DOP's e IGP's, 17 produtos, ainda que estejam à espera de serem aprovados outros tantos. Contudo, cumpre salientar as diferenças entre as tipologias que a normativa europeia recolhe. As DOP's, as mais abundantes na Galiza, garantem que o produto que leva o selo foi produzido, transformado e elaborado numha zona geográfica determinada, com conhecimentos específicos reconhecidos e comprovados, enquanto que as IGP's garantem que o produto que leva esse selo apresenta um vínculo com o meio geográfico polo menos numha

As denominações de origem encontraram um entrave na existência de um selo de qualidade que emprega o referente topográfico 'Galiza' para a promoção do produto, quando a procedência galega destes produtos nom está totalmente garantida

das etapas do seu desenvolvimento. É o caso de 'Tenreira Galega', que ainda que pudesse ser umha DOP preferiu-se que fosse estabelecida como IGP para que toda a carne produzida na Galiza estivesse controlada e ao mesmo tempo ficasse aberta a porta à possibilidade de serem vendidas como 'Tenreira Galega' reses nom nascidas na Galiza. O decreto 2081/1992 regula também os produtos de agricultura ecológica e as ETG's, que garantem que o produto que leva esse selo foi elaborado segundo um método de produção tradicional.

Mari Sé Mosteiro, do Conselho Regulador do Queijo de Tetilha, explica que "nom temos nada a ver com as marcas de garantia nem queremos ter nada a ver", já que, com efeito, som cousas muito diferentes. Se os indicativos de qualidade garantem produtos 'Galiza Qualidade', garantem processos de produção que se repetem. Da parte de 'Galiza Qualidade' afirma-se que a marca de garantia certifica "produtos e serviços que tenham superado os

Basta que o ciclo produtivo seja fechado no País. 'Galiza Qualidade' é um selo como AENOR ou IQ-NET, que umha empresa consegue prévio pagamento e depois de auditorias mais ou menos rigorosas

controles exigidos através dos nossos programas de auditorias e ensaios, requerendo materias primas de alta qualidade, óptimas produções e excelentes serviços". 'Galiza Qualidade' é assim um selo de qualidade como AENOR, ISSO 9001 ou IQ-NET, selos que umha empresa consegue prévio pagamento ao selo e depois de umhas auditorias mais ou menos rigorosas. Qualquer produto pode aspirar a possuir o selo 'Galiza Qualidade', enquanto que, como indica Mosteiro "para que um produto poda estar acolhido a umha protecção de qualidade tem que ser património dessa zona".

Os requisitos que umha empresa deve cumprir para obter o selo 'Galiza Qualidade' para algum dos seus produtos som "ter o domicílio social e fiscal na Galiza e que o processo de elaboração, produção, transformação, manufacturação e comercialização dos produtos e serviços se realize desde a Galiza, ou bem o ciclo produtivo se feche na Galiza", o que deixa a porta aberta à concessom a produtos que simplesmente tenham sido

embalados no País. Assim, se bem que em 'Galiza Qualidade' afirmem que a possessora da marca é "garantia de origem galega", esta origem está em causa, tal como acontece com os produtos lácteos da empresa Préndent, por exemplo.

Confusom no consumidor

Assim, nos conselhos reguladores afirmam que ainda que nom se sintam "pisados" por 'Galiza Qualidade', "sim que há umha confusom no consumidor e no público em geral no que a isto diz respeito, que tendem a confundilo com os produtos galegos de qualidade". Aliás, apontam que nom vem tampouco nenhuma vontade de esclarecer esta diferença nem em 'Galiza Qualidade', dependente da Conselharia da Indústria, nem na própria Junta da Galiza. A confusom torna-se mais grave quando dos 32 produtos hoje registados em 'Galiza Qualidade' quase 70 por cento som de carácter agroalimentar, âmbito de actuaçom das denominaçom de origem.

Nos conselhos reguladores, encarregados de orientar e controlar a produçom, assim como de defenderem os interesses das denominaçom, veem com preo-



O mel galego conta com denominaçom de origem divididas em mel multifloral, de eucalipto, de castanheiro, de queiroga ou de silva.

cupaçom esta confusom presente no mercado, assim como o desconhecimento do público em geral do que som os produtos com indicaçom de qualidade, ainda que reconhecem que "nom é fácil falar de todos em conjunto sem que se confundam".

Especial preocupação levanta esta situaçom num momento em que estam a certificar um pedido do consumidor "de ter um signo distintivo", entendendo que "se a gente vem comer à Galiza tudo o

Os conselhos reguladores veem com preocupação a confusom e o desconhecimento presentes no mercado

que sair daqui com a etiqueta 'Galiza' vai-se vender melhor".

Também se sentem incomodados com o facto de que as verbas da Junta da Galiza para financiar a publicidade do organismo público 'Galiza Qualidade', que reúne algumas das empresas mais ricas do País, tenham superado os 100 milhões de pesetas anuais.

Aliás, é criticável, deste ponto de vista, a permanente necessidade de 'Galiza Qualidade' de recorrer a fundos públicos para a

sua sustentabilidade sem que esteja claramente definido um interesse social que justifique a sua existência.

Perspectivas de futuro

O que está fora de questom é que, como afirma Mari Sé Mosteiro, "as denominaçom de qualidade estam a ser um instrumento para organizar sectores" que ainda nom estavam organizados para a produçom exterior, e por isso deveria ser umha prioridade para a Junta da Galiza a sua continuidade. De facto, o Parlamento galego aprovou recentemente a Lei de Promoçom e Defesa da Qualidade Alimentar Galega, que estabelece "critérios para garantir a tragabilidade da produçom agro-alimentar galega e criar um enquadramento de concorrência leal entre eles". Desta maneira, a lei modifica o funcionamento dos conselhos reguladores para adequá-los aos requerimentos internacionais de qualidade. Além disso, criou-se o Instituto Galego de Qualidade Alimentar, umha instituiçom encarregada de coordenar a actividade investigadora e o desenvolvimento tecnológico para aplicá-lo a estes produtos.



O vinho da Ribeira Sacra figura entre as denominaçom de origem.

17 indicativos galegos

Na actualidade, a Galiza possui 17 indicativos de qualidade, estando outros 13 em processo de aprovaçom. Quanto aos vinhos, som denominaçom de origem: o Ribeiro, Val d'Eorras, Rias Baixas, Monte Rei e Ribeira Sacra, do mesmo modo que a Aguardente da Galiza, estando em processo de registo o licor café e a aguardente de ervas. Quatro queijos galegos possuem ainda o título de DOP: queijo de tetilha, Arçua-Ulhoa, Sam Simom da Costa e queijo do Zebreiro. No que diz respeito às carnes possuímos as IGP's

Tenreira Galega e Lacom da Galiza, para além do Mexilhom da Galiza. Outros produtos com certificaçom som a denominaçom específica Mel da Galiza, a IGP Batata da Galiza e a denominaçom de origem Pam de Ceia, assim como a agricultura ecológica da Galiza. Aliás, estam prestes a serem aprovados em Bruxelas o grelo da Galiza, a fava de Lourençá, a tarte de Santiago, os pimentos do Couto, de Oimbra, Ervom e Arnoia, a castanha da Galiza, o chouriço galego, o botelo e a androia.

Natural vs. processado

As diferenças entre os indicativos de qualidade e 'Galiza Qualidade' podem-se resumir na confrontaçom directa entre o natural e o processado, o tradicional e o moderno, e, finalmente, entre o pequeno e o grande; um confronto habitual demais no actual modelo económico capitalista. Enquanto os indicativos de qualidade certificam produtos elaborados seguindo a tradiçom de um modo integrado no território de que som originários, 'Galiza Qualidade' certifica que os sofisticados processos de produçom dos alimentos que avaliza som sempre os mesmos. Bons ou maus, mas sempre os mesmos. O que os selos de qualidade como 'Galiza Qualidade' pretendem é capturar umha parte do mercado disposta a pagar por umha suposta qualidade superior, enquanto que os indicativos de qualidade se aplicam a produtos que pola sua especificidade geográfica som únicos. Outra diferença fundamental encontra-se nos sectores sociais que beneficiam de cada um deles. Por um lado, 'Galiza Qualidade' abrange as empresas mais ricas do País (Hijos de Rivera SA, Rianxeira, Escuris, Pizza-móvel ou Águas de Mondariz, por exemplo); os conselhos reguladores aglutinam todo o tipo de produtores, empresas grandes e pequenas "lutando todas juntas para levan-



'Galiza Qualidade' serve como garante de produtos ou serviços que o empresário já acreditado lança ao mercado.

rem um produto adiante". Outra diferença é que 'Galiza Qualidade' nom se responsabiliza nunca polos defeitos dos produtos que se identificam com o seu selo, sendo as pessoas autorizadas para empregarem a marca de garantia "os únicos responsáveis". Face a isto, com os indicativos de qualidade, os conselhos reguladores nom só som os responsáveis desde o início, senom que som os encarregados de controlar todo o processo. A prioridade comercial e nom qualitativa de 'Galiza Qualidade' fica manifesta ao ler-se o pedido ofi-

cial de concessom da licença de uso que, quanto ao lugar de fabricaçom, diz o seguinte: "se nom se dispom deste dado indicar o aproximado". Afinal, 'Galiza Qualidade' reconhece-se como garante de produtos ou serviços que o empresário já acreditado lança ao mercado, nom formando nunca parte da sua criaçom ou comercializaçom. A actividade que o conselho regulador tem nas denominaçom fica reduzida em 'Galiza Qualidade' ao papel das auditorias, umha entidade de controlo externa ao produto. Som, enfim,



NUMEROSOS ABUSOS DO EMPRESARIADO FRENTE AOS PRODUTORES NUM SECTOR EM TRANSFORMAÇÃO

Conflituosidade no vinho galego

Depois de vendê-lo como um dos mais importantes produtos do agro galego, o vinho do País sofre nestes momentos umha conflituosidade interna devida às práticas nada limpas dos empresários do sector. Actuações mafiosas, preços baixos

e atrasos no pagamento da uva levam a situações muito perigosas como a acontecida na primeira semana de Agosto, quando um colheiteiro foi agredido polo empresário ao qual tinha vendido uva por valor de 1.300 euros.

F MARINHO/Longe das grandes festas em honra do Alvarinho, ou das provas pantagruélicas, a realidade do vinho galego oferece umha imagem muito preocupante porquanto nom se trata do mundo ideal apresentado polos grandes adegueiros. No dia 11 de Agosto, sexta-feira, o grande enólogo Robert Parker, gabava a qualidade do alvarinho dizendo que era um dos mais excelentes produtos vinícolas da Europa. Mas em contrapartida, as festas só som umha máscara que oculta a triste e lamentável situação do vinho.

O primeiro exercício que cumpre realizar é diferenciar entre o colheiteiro e viticultor e o adegueiro. O primeiro cultiva e recolhe a uva; o segundo elabora o vinho. Na actualidade as imagens dos dous podem ser confundidas, mas som os adegueiros os beneficiários da exploração vinícola.

Começamos polas ajudas que recebem os trabalhadores do sector. As subvenções dependem da superfície a trabalhar. A superfície mínima para aceder é de 10 hectares no caso dos solicitantes colectivos; no caso dos individuais seria de meio hectare. O investimento previsto para esta campanha é de 1.775.351 euros. O dinheiro seria entregue ao viticultor quando este já tivesse realizadas as tarefas de condicionamento e melhoramento nas suas terras. Existem também ajudas para a plantação em novos terrenos, que podem ser novos ou comprados a outro viticultor. As ajudas som de 20%.

A situação actual é a que segue: som os pequenos proprietários os que nom recebem as ajudas plenas para o melhoramento das suas terras. Estes pequenos produtores tenhem dinheiro para renovarem o arame de espinho, para o emparrado, para o acesso à água e para pequenas obras de condicionamento. Os grandes empresários do sector están a receber quase o cem por cento das subvenções. Com o seu poder aquisitivo tenhem acesso à compra de novas propriedades que se transformarão em vinhas com direito a mais ajudas. Entre os grandes proprietários de vinhas galegas figuram o presidente do Celta, o presidente da Cámara de Ourense ou o presidente da Deputação de Ponte Vedra.

Mas a grave situação do vinho galego chegou até o paroxismo quando a Junta da Galiza anterior,



Os preços do quilo de uva som ridículos. Na vindima de 2004, os pagamentos fôrom de entre 0,80 cêntimos de euro e 1,10 euros por quilo, enquanto na campanha anterior chegarão a 1,50 euros.



A maior parte dos subsídios destinados ao sector vam para os grandes adegueiros, ficando os produtores numha situação de indefensom ante os baixos preços e a dificuldade para rendabilizar o trabalho

que controla a legislação sobre as Denominações de Origem, fixo umha mudança recente na lei para manter no poder os seus aliados. Um caso importante neste sentido foi o da DO Rias Baixas, que há tempo teria que ter abandonado a direcção da DO, mas o seu mandato foi prorrogado por dous anos pola Junta de Fraga Iribarne (DOG 6 de Abril de 2005).

Preços e ameaças

Situando-nos na análise, os preços que recebe cada quilograma de uva é um preço ridículo em comparação com o preço que tem o vinho no mercado. Nom existe

Um representante da Cámara Municipal de Cambados agredia um colheiteiro a finais de Julho, que reclamava ao político local 1.300 euros pola uva que lhe vendera

umha margem estipulada, um preço negociado entre produtores e adegueiros. Tudo é um acordo verbal entre as duas partes. Mas isto implica que nom há obrigação de pagamento no mesmo momento de entregar as uvas. Assim se produzem situações como as acontecidas nas Rias Baixas. Dá-se aos viticultores ou colheiteiros um primeiro pagamento no mês de Maio, mas nem todos recebem o dinheiro. O segundo pagamento é sobre o mês de Junho, tudo sob a decisom da indústria vinícola.

Os preços que alcança o quilo de uva som ridículos. Na vindima

Entre os grandes proprietários de vinhas figuram o presidente do Celta, o da Cámara de Ourense ou o da Deputação de Ponte Vedra. Fraga mudou a lei para manter o poder da DO das Rias Baixas

de 2004, os pagamentos fôrom de entre 0,80 cêntimos de euro e 1,10 euros por quilo, enquanto na campanha anterior os pagamentos chegarão a ser de 1,50 euros por quilo. A diferença situa-se em 0,70 cêntimos. O grave deste tema é a precariedade em que vivem os colheiteiros. Neste sentido os benefícios que se obtêm na venda do vinho vam para os grandes adegueiros, que controlam todo o sistema.

Os benefícios com que ficam as grandes denominações som de 400%, caso das Rias Baixas. Mas também as grandes superfícies comerciais entram no jogo, quando som elas mesmas a aplicarem preços mínimos, usando o vinho (e outros produtos) como chamada de atençom para os possíveis clientes. O efeito é umha descida na quantidade de benefício para o produtor da uva. Só há benefício para adegas e centros comerciais.

O dramatismo também fai parte desta situação. A imprensa recolhia no dia 1 de Agosto a agressom de um representante da Cámara Municipal de Cambados a um colheiteiro, que reclamou ao político local 1.300 euros pola uva que lhe vendera. O político, José Antonio Domínguez, agrediu o viticultor com um golpe na cabeça. No momento da agressom, Dopazo ia de motocicleta e com o capacete posto, parando quando lho solicitou J.A. Domínguez. Dopazo deu entrada no hospital no dia seguinte da agressom. Segundo o parte médico por umha hemorragia súbita interna. Os médicos nom asseguraram que se devesse ao golpe recebido na cabeça. A denúncia foi tramitada perante os tribunais, mas quando o viticultor recebeu o dinheiro, o filho de Domínguez ameaçou o agredido com "possíveis acidentes". A mesma imprensa recolhia a demora dos adegueiros a pagar as uvas compradas.

REPORTAGEM

UM FILME SOBRE CARLOS VARELA RESGATA AS IMAGENS DO MOVIMENTO NACIONAL-POPULAR

A história perdida do cinema galego

Segundo o nomeado historiador francês George Sadoul, o verdadeiro sentido do cinema só se pode enxergar no seu vínculo com o "génio e os anseios de um povo". Na medida em que o cineasta adquire consciência do tempo histórico e a câmara incorpora o real ao seu cerne, a celulóide impressionada muda em algo

que vai para além de um filme. Desaparecida a encenação, o cinema da realidade encarna o mundo, como quer Víctor Erice, em lugar de o representar. O dispositivo cinematográfico serve, entom, para a revelação, no significado mais nobre da palavra, e os assuntos da humanidade ficam a nu perante o espectador.

DANIEL SALGADO/Na revelação trabalhava precisamente a câmara de super8 que manejava Carlos Varela Veiga (Lugo, 1945-Malpica, 1980). O cinematógrafo, em qualidade de lanterna de Varela Veiga, registou, e aliás empurrou, a imagem colectiva de um povo erguido, a Galiza enfrentada à Segunda Restauração Borbónica. Assim, pelas fitas de Carlos Varela, militante da UPG entre 1972 e a sua morte, transitam os momentos decisivos do País, as gentes em rebelião, a crónica das lutas nacional-populares. O movimento gravado e ao serviço da organização política: as Encrovas, Baldaio, a quota empresarial agrária, a plataforma contra a central nuclear em Jove, os Dias da Pátria, os congressos da UPG. O cinema como ferramenta e o documento como pedaço do processo emancipador.

As mais de quinze horas de fitas recolhidas por Carlos Varela entre 1976 e 1980 dormiram o sono dos justos, dos verdadeiramente justos, durante quase vinte e cinco anos. Neste Agosto de 2005, sob a direcção de Ramiro Ledo Cordeiro, estreia-se o filme 'CCCV - Cine Clube Carlos Varela', que arma a biografia do cineasta lucense através das suas próprias imagens. Ledo Cordeiro juntou o filmado por Varela Veiga pesquisando nos armários da família, nos fundos do Centro Galego das Artes da Imagem, nos arquivos da UPG e traçou um mapa de mais de sessenta minutos. A ingente tarefa de documentação deu como resultado o redescobrir um cineasta no esquecimento, mas também um homem comprometido a fundo, desses que o poeta afro-americano Amiri Baraka considera do seu interesse: "Gente séria fazendo cousas sérias". Toda uma etapa nacional interessadamente silenciada toma corpo e rosto em 'CCCV - Cine Clube Carlos Varela'. O invisível torna-se visível. A resistência contra o opressor existiu e agora transcorre perante os olhos.

"O Carlos Varela Veiga", explica Ledo Cordeiro, "também trabal-



Manifestação em Carballo no dia 8 de Maio de 1977. Os vizinhos e vizinhas protestavam contra a usurpação da areia das praias de Baldaio.

Foto: Carlos Varela Veiga



Carlos Varela Veiga filmando o acto político do 25 de Julho de 1979, na Praça da Quintá.

Extraído do filme CCCV

hou na fotografia, de onde procedia a sua vocação cinematográfica; na cerâmica; na elaboração de murais e tapiçarias; no desenho gráfico, no associacionismo cultural - clube Valle-Inclán, em Lugo- e no cineclubismo de base, alerta de que as salas alternativas e militantes som a chave para o cinema nacional próprio do futuro". Ramiro Ledo continua: "Varela Veiga percorreu a Galiza inteira com a sua câmara de cinema para realizar a crónica do movimento nacional-popular". "Carlos Varela foi um cineasta de cinema galego; como di-

Xosé Paz, o único militante desde Galicia, de Carlos Velo em 1936", termina o director de 'CCCV - Carlos Varela Veiga'.

A estirpe no exílio

A estirpe cinematográfica - e política, já que as duas se fundem e confundem no cinema militante- de Carlos Varela Veiga arranca, justamente, no grande filme perdido do cinema galego. Quando depois do alçamento fascista de 1936 Carlos Velo, o cineasta de Cartelhe, saiu para o exílio mexicano, as esperanças de uma cinematografia nacional galega exiláram-se com ele.

Varela Veiga registou a imagem colectiva de um povo erguido. Recolheu momentos decisivos do País, a crónica das lutas nacional-populares: as Encrovas, Baldaio, a quota empresarial agrária, Jove... O cinema como ferramenta e o documento como pedaço do processo emancipador.

tica confluem com umha extrema sensibilidade perante o real. O fascismo expulsou, também, a possibilidade de um cinema aferrolhado à terra e aos seus conflitos.

Contra 1977, Carlos Velo, insubornavelmente apegado ao documental, opinava do que devia ser a cinematografia galega: "O ideal está no homem vivo, os labregos, os estudantes, os marinheiros, os burgueses das vilas... a gente tal como é, com os seus conflitos num sentido mui amplo. Esse é o retrato que cumpre fazer hoje da Galiza". Naqueles mesmos anos de retornos e desengado, Carlos Varela passava pelas Jornadas de Cinema e Vídeo do Carvalhinho com umha cópia de 'Universidade comprometida', o filme que Carlos Velo realizara durante a visita de Salvador Allende à Universidade de México em 1973. Semelhava que as feridas ainda se encontravam a tempo de estinhar.

Do mesmo modo Varela Veiga deixava o alento e a película da sua super8 capturando a fractura, um documentarista catalán, Llorenç Soler, montava filmes de agitação no sul do País. 'O monte é nosso' - sobre a mancomunidade de montes do Condado- e 'Autopista, umha navalhada à nossa terra' - a desfeita da auto-estrada do Atlántico-, pagas pelas coordenadoras de afectados e gravadas em 16mm., na actualidade depositadas na filoteca catalá, partilham com o cinema de Carlos Varela a sua condição de fitas à margem de estruturas comerciais e metidas como um estrato mais do processo político. Registados em 1977 e 1978, os filmes de Llorenç Soler disparam contra o fluxo desigual de informação e proporcionárom, proporcionam, a face escura do desenvolvimento invertebrado da Galiza.

O cinema enleado na história em andamento conheceu um último degrau com a experiência do filme colectivo 'Há que botá-los'. Fora da sua discutível validade ideológica, o que de aproveitável guarda o acontecimento 'HQB' reside no seu absoluto prescindir dos canais cinematográficos usuais. Umha miga aquilo do cineasta Jean-Luc Godard: "Se tens um franco no peto, fai filmes que custem um peso".

Trás ficava 'Galicia', a fita de Velo que, com roteiro do Xocas e desenhos de Castelao, deveu funcionar como pedra fundacional de um cinema próprio da Galiza. Na altura de hoje, conservam-se apenas dez minutos da sua metragem original, e neles adivinham-se os visionados de um Velo instalado na vanguarda artística e política da sua época. A estética e a técnica sovié-

REPORTAGEM

Em 2005 ardêrom na Galiza 15.217 hectares, dos quais 4.243 eram superfície arborizada

O NOVO GOVERNO NA JUNTA MANTERÁ O DISPOSITIVO DE EXTINÇOM DE INCÊNDIOS DA ÚLTIMA 'ETAPA FRAGA'

Nos últimos 30 anos, uns 150 mil incêndios florestais afectárom 1.500.000 hectares, metade da superfície da nossa terra. A Galiza é a zona da Europa com maior densidade de fogos florestais. Entre Janeiro de 2005 e o dia 7 de Agosto deste ano ardêrom na Galiza 15.217 hectares. O maior número de fogos e de superfície arrasada localizam-se na província de Ourense, onde já temos 6.282 hectares de monte afectados, faltando ainda

dous meses de campanha contra os incêndios. O conselheiro do Meio Rural, Alfredo Suárez Canal considerava nestes momentos umha "temeridade" mudar o dispositivo contra-incêndios em plena campanha de extinçom. Prometeu, na sua primeira comparecência, clareza no tratamento dos dados e máxima transparência para que a cidadania "tome consciência real do problema".

MARTA SALGUEIRO / Este Verao falecia novamente um piloto dos avions anfíbios Dromader contratados pola Junta para este labor. Som três pilotos mortos em dous anos a bordo desta mesma nave. A administração autonómica investe 10,22 milhões de euros anuais na luta contra o lume. Mas a maior parte deste dinheiro só serve para a extinçom. Nom há política de prevençom e os agentes florestais demandam também formaçom. Som centos os trabalhadores e trabalhadoras que na Galiza formam parte das brigadas contra incêndios municipais ou da Junta que nom recebem nenhum tipo de formaçom antes de começarem a trabalhar na extinçom. Em muitos concelhos galegos a escolha de pessoal para fazer parte das brigadas é por designaçom do próprio presidente da Cámara.



"Os incêndios apagam-se para sempre com empenho e constância, incidindo nas causas estruturais que os provocam, e restituindo ao rural galego o protagonismo e o compromisso que se lhe deve", destacam no Manifesto.

579 paróquias em especial risco de incêndio

579 freguesias de 120 concelhos galegos fôrom declaradas como zonas de especial risco de incêndio. Ourense é a província com maior número de paróquias afectadas, com 263, que correspondem a 52 concelhos, seguida da de Ponte Vedra, com 158, situadas em 33 termos municipais. A Corunha também passa da centena de lugares declarados como zonas de especial risco de incêndio florestal, 116 situadas em 26 concelhos, enquanto que a província de

Lugo é a que apresenta menos lugares especialmente sensíveis ao lume, com 42 paróquias de nove municípios. A superfície média anual queimada diminuiu nos anos '90, mas apesar dos planos INFOGA, o número de incêndios disparou-se até 11.000 por ano.

Formaçom das equipas de trabalho
As centrais sindicais lamentam a pouca formaçom que recebem muitas das brigadas de extinçom. Exigem "mais cursos de



579 freguesias fôrom declaradas como zonas de especial risco de incêndio

Entre os dias 1 e 7 de Agosto ardêrom na Galiza 1.465 hectares de superfície dos quais 974 correspondem à província de Ourense. 517 hectares eram arrasados em zona arborizada

O Comité de Defesa do Monte Galego continua a dar validez ao manifesto "Defendamos o monte, apaguemos o lume. O mundo rural galego existe" Entre as organizaçoms assinantes está o BNG que tem nestes momentos a gestom da prevençom e extinçom de incêndios florestais da Junta da Galiza



O País na Janela
TRÊS ANOS DE INDEPENDÊNCIA INFORMATIVA

À venda jô em locais sociais e livrarias
SELECÇOM DE TEXTOS, ARTIGOS INÉDITOS E UM CD COM OS 27 NÚMEROS DA PRIMEIRA ETAPA

Solicita-o em encomendas@novasg7.com, enviando o teu endereço, ou bem telefonando para o 630580123. O preço do livro é de 12 euros. Para civísios por correio haverá que acrescentar ao preço 3 euros por gastos de envió.



A administração autonómica investe 10,22 milhões de euros anuais na luta contra o lume. Mas a maior parte deste dinheiro só serve para a extinção. Não há política de prevenção e os agentes forestais demandam formação.



A superfície média anual queimada diminuiu nos anos '90, mas apesar dos planos INFOGA, o número de incêndios disparou-se até 11.000 por ano.

formação e material para os agentes forestais encarregados da extinção" esclarecendo que nem todas as pessoas que estão a trabalhar neste labor "som do mesmo colectivo, polo qual cada umha delas tem carências".

No Comité de Defesa do Monte Galego mantêm as exigências que há um ano figuravam no manifesto assinado por 12 organizações sociais e políticas, entre as quais está o BNG, no passado dia 1 de Setembro de 2004.

Entre as exigências deste manifesto figuravam a "total e urgente acção para defender o meio rural galego". Declaravam a "Galiza país livre de incêndios. Sabemos como lográ-lo. Sem demagogias, sem mentiras e sem propaganda. Os incêndios apagam-se para sempre com empenho e constância, com políticas que incidam nas causas estruturais que os provocam, e restituindo ao rural galego o

Três pilotos das brigadas de extinção de incêndios faleceram durante dous anos em acidentes laborais a bordo dos avions anfíbios Dromeder. Os sindicatos exigem mais e melhor formação para trabalhadores e trabalhadoras

protagonismo e o compromisso que desde há tempo demais se lhe deve". Criticavam ao anterior governo na Junta do Partido Popular "a preguiça das políticas passivas e exclusivamente de reacção de uns governos que permitem que a 'malumada' devore primeiro a riqueza dos nossos montes e o lume reduza depois a sua via a cinza, enquanto pagamos cada ano mais cara a factura de abafar tanta incompetência e falta de prevenção".

O conselheiro do Meio Rural, Alfredo Suárez Canal (BNG), manifestou que nestes momentos, em plena campanha de extinção, o seu departamento não pode variar o operativo desenhado. Será, dixo o Conselheiro, na próxima temporada quando haverá "que mudar a política de prevenção", comprometendo-se a chamar os agentes implicados para desenhar a estratégia contra os incêndios da Junta da Galiza.

O factor humano

A Galiza acumula, com 99,14%, umha das maiores percentagens de incêndios devidos a causas vinculadas directa ou indirectamente à actividade humana, número que na média do Estado

chega apenas a 96%, atribuindo-se os 4% restantes a causas estritamente naturais, como os raios das trovoadas.

As queimas realizadas em actividades agrícolas ou ganadeiras chegarão a provocar 3.970 incêndios por ano. Os fogos provocados por pirómanos fôrom 818, do qual se pode concluir que se produzem mais de dous incêndios por dia originados intencionalmente pola mão humana. Esta quantidade implica nada menos que 12% do total dos incêndios com causa conhecida, percentagem igualmente muito superior na Galiza que no resto do Estado. Apesar dos 11.000 incêndios registados anualmente na Galiza entram na cadeia tam só entre 15 e 20 pessoas.

Galiza acumula, com 99,14%, umha das maiores percentagens de incêndios por causas vinculadas directa ou indirectamente à actividade humana

www.novasgz.com | novasgz@novasgz.com | Telefone: 639 146 523

NOVAS DA GALIZA



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Caixa dos Correios 1069 (C.P. 27080) de Lugo

1 Ano = 12 números = 20 euros Assinante Colaborador/a = ___ €

Nome e Apellidos Telefone

Endereço C.P.

Localidade E-mail

N° Conta

Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Assinatura



ENTREVISTA

Joám Bagaria, responsável nacional de Organização da Assembleia da Mocidade Independentista (AMI)

“AMI é umha organização pública que trabalha na legalidade”

ALONSO VIDAL/ Nascida no início da década de 90, a AMI representou nos últimos anos o colectivo referencial da mocidade implicada activamente na libertação nacional. Ideologicamente defende a independência nacional no caminho à consecução de um estado socialista, mas o seu trabalho tem a ver fundamentalmente com os problemas

da mocidade - só podem ser militantes as pessoas menores de 29 anos. A maior parte som estudantes e universitários, mas também há umha percentagem considerável de trabalhadores e trabalhadoras. Funciona através de assembleias comarcais coordenadas por um Conselho nacional e umha Mesa Permanente. Afirmam ter espalhado

a sua organização por grande parte do País, mas reconhecem que há zonas de muita maior presença e actividade, nomeadamente Compostela, Vigo e Ourense. Depois do acontecido no último mês, NOVAS DA GALIZA fala em exclusiva com Joám Bagaria. Este moço, licenciado em História, é responsável de Organização da AMI.

Desde a VI Assembleia nacional, a AMI redefine-se como umha “organização de quadros”. Qual o motivo da mudança?

Fundamentalmente considerou-se que a estratégia de acção específica da AMI nom se correspondia com a clássica organização de massas que aglutina toda a juventude independentista e socialista. Por outro lado, tentamos assim aumentar o compromisso da militância, que só pode integrar a organização após ter demonstrado umha implicação suficiente com o projecto. A partir da nossa especificidade tentamos participar em estruturas mais amplas do movimento.

Como avalia a AMI a divisória existente hoje no movimento independentista da Galiza?

Nós pensamos que infelizmente a unidade entre organizações juvenis independentistas nom era viável, porque nom trazia frutos em si mesma. Por isso, fomentou-se que a AMI fizesse o seu trabalho com total independência em relação a outras organizações, sem descartarmos, no futuro, a unidade de acção em circunstâncias mais favoráveis. Convocatórias nacionais significativas, como por exemplo o Dia da Pátria, sim deveriam ser unitárias mas, sinceramente, as relações nom estão no seu melhor momento.

Que campanhas realizadas e a que sectores estão dirigidas?

Normalmente desenhamos campanhas a médio e longo prazo, mas também participamos ou convocamos actos pontuais: o Dia das Letras, o primeiro de Maio, no dia 10 de Março, etc. Umha das linhas estratégicas adoptadas pola AMI



A direcção da AMI fala em exclusiva para o NOVAS DA GALIZA

consistiu num trabalho intensivo em defesa da língua; neste campo insere-se a intensa campanha que desenvolvemos contra o desrespeito do Decreto relativo ao uso do galego no ensino. Também nessa linha estratégica se desenvolveu umha outra campanha nos centros de trabalho, fundamentalmente na hotelaria, onde o emprego do idioma nacional está coaccionado. Este ano também participamos activamente na plataforma contra o desfile militar da Corunha. Além disso, nom esquecemos o trabalho comarcal em cada vila em que temos presença.

Como valoriza a AMI os factos acontecidos a 23 de Julho e nos dias posteriores?

Nós afirmamos que acções como a do dia 23 já se temem repetido nos últimos anos; som sabotagens habituais em datas próximas do Dia da Pátria, sem a transcendência mediática desta ocasião. O

tratamento informativo que se deu aos companheiros detidos foi totalmente distorcido. Nalguns meios falárom como se tratasse de psicopatas. Os companheiros detidos, para além de serem militantes da AMI, som pessoas envolvidas no campo da dinamização social e cultural do País, conhecidas e respeitadas polo seu trabalho público. A polícia e os media implicárom directamente a AMI, se calhar por que esta organização dá validez a todos os métodos de luta pola libertação nacional. Esta é forma que temem de criminalizar todo o trabalho da mocidade independentista.

A sabotagem nom foi reivindicada, mas associa-se a um manifesto divulgado pola rede de umha Resistência Galega defensora de umha nova estratégia de acção sob a máxima de “o relevante nom é quem bate mas em quem se bate”...

O facto de que nom houvesse reivindicação da acção do dia 23

pudo ter a ver na atribuição fácil à AMI do acontecido. Já no ano 1995, após umha sabotagem numha sucursal da Caixa Galicia, houvo duas detenções com umha campanha de assédio muito parecida à destes dias. Na altura falava-se de um tal Novo Exército Galego ou qualquer cousa do género, e houvo quem pretendesse envolver a AMI. Mas pronto, já estamos habituados a essa estratégia criminalizadora por parte da polícia e dos meios de comunicação.

Com recebeu a militância da AMI o facto de ser acusada de “terrorista” polos media?

O qualificativo de “terrorista” nos meios é umha arma muito útil para desqualificar qualquer ideia ou reivindicação política. É efectiva e nota-se bem. Mas nem tanto internamente, onde embora houvesse pessoas que se sentírom pressionadas no conjunto do independentismo, estamos habi-

tudados a esse tipo de alarmes sociais fabricados.

No El Correo Gallego mesmo se chegou a falar de que ia ser detida a “cúpula” da AMI, mas nós nunca pensamos que isso fosse acontecer, nem ilegalizações nem cousas dessas. O que sim existe é um seguimento constante por parte da polícia de companheiros activos social e politicamente, com violação de telefonemas e correios electrónicos incluída.

Todos os métodos de luta som válidos para a AMI?

Já temos expressado em comunicados que a AMI é umha organização pública, que age dentro da legalidade. A AMI considera que a estratégia de tensionamento social é útil para tornar visível o rosto que realmente temem as cousas. Trata-se de tornar patente o conflito que existe sob a normalidade democrática, assumida tranquilamente, onde se escondem muitas cousas muito graves e violentas. Nos media nada se diz da intervenção sangrenta de empresas como a Caixa Galicia nos projectos empresariais que mais desfeitas estão a provocar no País.

Tudo isto fará com que seja modificada a linha de actuação da AMI no futuro próximo?

Nom pretendemos que assim seja. Os primeiros momentos deste processo fôrom os mais difíceis, mas com o passagem do tempo estamos a recuperar a actividade normal. Queremos continuar como até agora. Agora minguados polo facto de termos dous companheiros presos, mas com vontade de crescer ainda mais.



CULTURA

PORTAL GALEGO DA LÍNGUA

Caminhos para umha nova etapa

MIGUEL R. PENAS



Participantes do convívio em Montalegre, organizado pela AGAL.

Nestes últimos dias sucedêrom-se na Galiza vários acontecimentos que podemos qualificar como históricos. Sem dúvida, o mais relevante foi a mudança de cor política do governo galego. Com certeza que disto tenhem conhecimento quase todos os cidadãos.

É algo que vai ter conseqüências imediatas. Pela primeira vez galegos de nação terám responsabilidades ao mais alto nível de governo. Após a peste Fraga está na hora de reconstruirmos o País e mesmo de tentarmos colocar os alicerces para avançar algo mais.

A língua nom pode ficar à margem nesta nova etapa, e com certeza que a sociedade civil mais dinâmica já está a marcar pautas e caminhos. Coloco a seguir duas iniciativas cívicas que nas últimas

semanas fôrom organizadas pela população galega.

Entre os dias 18 e 23 de Julho decorreu em Compostela o VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. Um facto que podemos qualificar de enorme transcendência para o ser nacional galego, ainda mais ao ter sido eleito um galego como vice-presidente desta associação. Talvez só umha percentagem mínima do conjunto da população galega tenha reparado neste acontecimento. Mas isso nom diminui a sua enorme importância na luta por consolidar a Galiza como mais um país lusófono. Podemos afirmar que este objectivo está cada vez mais próximo.

No mínimo, nos círculos académicos e estudiosos da nossa língua comum, mas nem só.

O outro acontecimento de enorme interesse, mas muito mais modesto, foi o convívio que juntou mais de 30 pessoas em Montalegre em 30 de Julho. Organizado pela AGAL tratou-se de mais umha iniciativa para tentar apagar a raia mental que muitas vezes divide galegos e portugueses.

Umha reunião de pessoas que graças ao PGL (www.agal-gz.org) chegárom a conhecer e mesmo simpatizar com a luta pola dignificação lingüística da Galiza.

É certo que este acontecimento só chegou a umha percentagem ainda menor de galegos e galegos.

Mas também é certo que sim chega e marca pautas nos sectores mais cons-cientes na luta pola (re)normalização.

TABELA CULTURAL

DOUS DISCOS...

Zume de terra, o último trabalho de José Manuel Budiño. Como se afirma no seu web, um disco que nom reinterpreta a tradição. Polo contrário, cria "valendo-se dela." (Boal Colección DO FOL)

Algures, no meio do nada. Primeiro trabalho de Contratempus, banda ska portuguesa que se estreia na Galiza no próximo festival Rebuimbo 2005 de Tameiga (Mós).

UM WEB...

<http://www.udc.es/deplx/cac/vo>. Versão Original. Interessante web promovido por Celso Álvarez Cáccamo com materiais sobre o debate lingüístico na Galiza.

E DOUS LIVROS...

Do latim às línguas nacionais (Introdução à história social das línguas europeias.) Edição crítica de um texto do reconhecido sociolin-

güista catalán *Lluís Aracil*. (Associação de Amizade Galiza-Portugal)

Fazer-se um nome, Ensaio de Joel R. Gómez, que continua a investigar sobre a imprescindível figura de Guerra da Cal nas letras galegas e portuguesas. (Edições do Castro)

Livrarias colaboradoras: Torga (Ourense), A Palavra Perduda (Compostela)

A equipa da conselheira

REDACÇOM / A nova conselheira da Cultura e Desportos, Ángela Bugallo, já confeccionou a equipa de trabalho que regerá a política cultural do País nos próximos quatro anos. Bugallo, doutora em Biologia e maõ direita do portavoz do BNG, foi finalmente a escolhida por Quintana entre os diversos nomes que se discutiam, alguns deles com perfis em princípio mais acordes para o posto, segundo fontes próximas do BNG. Entre os nomeamentos da conselheira para os cargos do seu departamento destacamos os seguintes:

Carlos Amoedo, secretário geral de Cultura

Corunhês de 35 anos, é doutor em Direito. A sua tese de doutoramento foi dirigida por Meilán Gil e versou sobre a categoria da polícia no direito administrativo espanhol.

No ano 2000 publica "Poder policial y derecho administrativo" editado pola Universidade da Corunha, onde dá aulas nas facultades de direito e Humanidades; além disso ministra um curso de doutoramento, centrado nas novas políticas públicas de segurança e a sua relação com as liberdades públicas.

O Conselho da Cultura está a patrocinar-lhe neste momento um manual de direito cultural.

Luis Bará, diretor geral de Criaçom e Difusom Cultural

De Paredes, Vila Boa, Bará é professor de Língua e Literatura galega em excedência, já que desde o ano 1999 desempenha o cargo de vereador da Cultura em Ponte Vedra. Neste posto destacou polo seu carácter participativo e dialogante. Abriu o pelouro às entidades sociais e implicou umha boa parte da sociedade no labor cultural da Câmara.

Felipe Arias, diretor geral do Património Cultural

Este luguês de 55 anos é licenciado em Filosofia e Letras (secçom Geografia e História) e dirigiu o museu provincial de Lugo e o do Castro de Viladonga. Também foi patrono fundador do Museu do Povo Galego. Tem participado em muitas excavaçoms e prospeccoms arqueológicas e é autor de projectos culturais.

Santiago Domínguez, diretor geral para os Desportos

Viguês de 41 anos, foi vereador dos Desportos no governo de Castrillo em Vigo. Forma parte desde o ano 91 do Instituto Municipal dos desportos. Após a demissom de Castrillo, foi o porta-voz do grupo municipal nacionalista. É treinador de baloncesto.

ARROZ COM CHÍCHAROS

Pescada à caçarola (6 pessoas)

O NOSSO EIDO / Picamos cebola numha tarteira de barro, um pouco de alho, pimento vermelho e cenoura. Deitamos um bom jorro de azeite, um copo de vinho branco e um jorinho de uísque. Pomos-lhe um comprimido de caldo de galinha e dous saquinhos de açafém. Depois de limpa a pescada, corta-se em seis toros e tempera-se. Cortamos as batatas em rode-

las. Quando o molho estiver pronto, acrescentamos as batatas, um pouco de sal e um pouquinho de água, conforme o azeite que tivésemos empregado, para cobrir as batatas. Quando as batatas se puderem furar, acrescentamos a pescada. Pomos um pouco de salsa (perexil) por cima e deixamo-lo em coçom durante dez minutos. Se quigermos dar-lhe mais sabor, podemos pôr também ervilhas.



Mando Caamaño Anón

Cerámica de Roda
(en gres e porcelana)

Ventosa, Covas
15884 AMES, Galiza
981 890 099

<http://mcaamano.xjb.net>

TEMPOS LIVRES

PALAVRAS CRUZADAS, por Alexandre Fernandes.

★	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
10															
11															
12															
13															
14															
15															

HORIZONTAIS: 1a.- Ruído característico produzido polo fechamento da glote, e que em castelhanho dizem a partir da onomatopeia "hip" / Pranto entrecortado por inspiración ruidosa; 1b.- Galha arredondada que se forma nos carvalhos / Conselheira da Cultura polo BNG. // 3a.- Vento galego que sopra do NE; 3b.- Formosa fraga do concelho de Baleia. // 5a.- Apelido basco de um dos políticos máis túgaros do PSOE espanhol; 5b.- Forma de saudação equivalente a ola, quase perdida. // 7a.- Inteição que designa aplauso, aclamação ou entusiasmo. // 6.- Canalizaçom por meio de tubos. // 7a.- Fruto da aveleira; 7b.- Quinze em número romano. // 8.- Deusa grega do conhecimento e da razão. // 9.- Mistura de um aglutinante com areia e água, empregada na construçom. // 10.- Folia ou divertimento que dura a noite toda, ou quase. // 11.- Sede da Junta da Galiza na praça do Obradoiro. // 12.- Transcendente, alto, superior. // 13.- Jornalista especializado em diatribes contra o sanedrim (a UPG). // 14.- (o) Rio do Caurel. // 15a.- Obra de Eduardo Branco Amor. / Local social de Ourense; 15b.- Vila ao Sul do Alentejo em que o Zecca Afonso se fijo a acupuntura.

VERTICAIS 1a.- Comarca que abrange Camarinhas, Sás e Vimianzo; 1b.- Jornal da esquerda independentista editado por Primeira Linha MLN. // 2.- Olhar. // 3a.- Pessoa tola ou parva; 3b.- Moço / Novo. // 4.- Terreno coberto de relva ou de grama / Campo de futebol. // 5.- Grupo político que fai parte do BNG e ao qual pertence Veiga Buxamí // 6.- Verbo da expressom latina (nada obsta) com que a censura autorizava umha publicaçom. // 7a.- Herói mitológico protagonista da Odisseia / Fundador de Lisboa; 7b.- Naquele lugar / Variante do advérbio Ali. // 9a.- Teórico do regionalismo galego nascido em Carvalho; 9b.- Fidalgo galego, Conde de Ourém, ao serviço dos reis de Portugal, Leonor Teles e D.Fernando, assassinado polo Mestre de Avis. // 11a.- Na Índia, mestre da vida interior / Mentor, Guia ou líder espiritual, até; 11b.- Ruído forte, agudo, sibilante, penetrante. // 13a.- Ovos do piolho; 13b.- Um grande vinho com denominação Ribeira Sacra. // 14.- Símbolo químico do Xénon ou Xenônio (BR.). // 15a.- Inteição de origem árabe; 15b.- Insecto coleóptero de grande porte, com mandíbulas que lembram as hastes dos cérvicos / Escorna-bois.

DESCOBR O QUE SABES..., por Salva Gomes.

- De onde som os e as Apsarokes?**
- Leshoto
- Namibia
- EUA
- Em que cidade se fai um acto de solidariedade galego-basca-catalá diante de um monumento de Rosalía de Castro?**
- Corunha
- Ponferrada
- Compostela
- Em que modalidade desportiva tivo a provincia de Ponte Vedra quatro equipas da máxima categoria?**
- Voleibol - Andebol - Hoquei de campo
- O que fñrom as V-1?**
- Bombas do exército nazi
- Informaçoes secretas da CIA
- Vitaminas usadas na guerra
- Com que se equiparou teoricamente o feminismo italiano?**
- Feminismo da igualdade
- Feminismo da diferença
- Feminismo filosófico
- Em que ano se criou a primeira organizaçom independentista galega?**
- 1921
- 1923
- 1929

Palavras Cruzadas: 1. EUSA; 2. Compostela; 3. Andebol; 4. Bombas do exército nazi; 5. Feminismo da diferença; 6. 1921.
DESCOBR O QUE SABES: 1. EUSA; 2. Compostela; 3. Andebol; 4. Bombas do exército nazi; 5. Feminismo da diferença; 6. 1921.

MÚSICA



A Matraca Perversa estará no dia 3 de Setembro no Festival da Poesia do Condado

Fim do Verão, fim da festa

Música, recitais, obradoiros ou mostras de audiovisual para os festivais deste mês

SOLE REI / O Verão está já a acabar. Numhas semanas, mais cedo ou mais tarde, haveremos de despedir-nos das férias e voltar ao trabalho. No entanto, à oferta de lazer da estaçom ainda lhe fica avondo que oferecer. Lembramos-vos alguns dos festivais que ficam por celebrar neste mês, para que aproveitades e nom perdades o tempo. Depois de ter desfrutado de grupos como Pixies, Nick Cave & The Bad Seeds ou Foo Fighters na décima segunda edição do Festival de Paredes de Coura, realizada entre os dias 15 e 18 deste mês na praia fluvial do Tabuão, a música continua, do dia 16 ao 21 de Agosto no Festival Revolto do Vigo. Sons mais potentes e próximos do rock, com grupos como Habeas Corpus, Sök, Elektra ou Down Level para o dia 18, ou o 'metal extremo' de Calenish Circle, Anvil of Doom, Death Silence e Shroud of Tears no dia 19, servirán de contraponto a um começo das festas mais calmo, que principia com um desfile de moda no dia 16, seguido de umha jornada dedicada a músicos da zona das Rias Baixas. No dia 20, o techno e o house conduzirán a festa viguesa, e para terminar, no dia seguinte, mais concertos com grupos como A Palo Seko, Skacha ou R.I.F. Ainda, haverá actividades paralelas às actuaçoes musicais,

como jogos de rol, obradoiros e o Plug & Play, no qual qualquer grupo com ao menos um membro viguês poderá subir ao palco e tocar um pouco. Também no dia 20 será o Festival de Vilarinho de Cangas, onde este ano se juntam Quempallou, Lamatumbá, A Quenlla e Macfeck. E para os seguidores do grupo ourensano a festa nom finaliza por aqui, pois no dia seguinte Lamatumbá tocará de novo com os Diplomáticos de Montealto nas Festas da Peregrina de Ponte Vedra. Por outro lado, a localidade de Bandeira, no concelho de Silheda, reaparece mais outro ano com o Esmorga Folk, onde poderedes ver a Matraca Perversa, Chev Balowski, Che Sudaka, Ruote e Serralle Ai e colocar a tenda numha zona disponibilizada para a ocasiom, tudo gratuitamente. E se gostades do hip-hop, no dia 20 tendes um concerto a nom perder na praça da Ferraria de Ponte Vedra, a partir das 20h00, no Festival Cultura da Rua, onde os galegos Dios Ke Te Crew e DJ Laese soarán junto aos franceses Explicit Samourai e Afro Jazz Street Break Dance, os portugueses Dealema e os espanhóis Solo los Solo. Ska, reagee, mestizagem, folk e charanga juntarém-se no parque

das Pedrinhas, em Mós, no Rebúmbio 2005, onde Eskorzo, Dakidaria, Quempallou e Contratempos porán a música do dia 27 de Agosto, logo depois do Encontro de Músicos A Pelo do dia 26, onde qualquer pessoa poderá troulear um bocado, isso sim, sem electricidade. Nestes mesmos dias 26 e 27 temos também o Ortegall Rock 2005, em Carinho, com Loretta Martin, Costa Norte, Funky Brewster e McKuin para a primeira noite e Sinistro Total e Fé de Ratas para a segunda. E se gostades da música tradicional, a 27 de Agosto poderedes dar um saltinho à IV Noite da Lua Meiga no Viso, Redondela, onde depois de um dia de feira de artesanato e jogos populares Linho do Cuco, Xochilmika e Xistra de Coruxo porán música à noite. Por último, lembramos o Festival da Poesia do Condado, em Salvaterra do Minho, que este ano se realiza sob o lema "Salvemos os rios". Exposiçoes de fotografia, pintura e escultura, Jornada de Audiovisual Galego, mostras de artesanato, conferências sobre a problemática fluvial na Galiza, festa infantil e festival poético-musical com A Matraca Perversa, A Quenlla, Os Carunchos, Miro Casavella e Nancy Vieira encherán os dias 1, 2 e 3 de Setembro.

CENTRO SOCIAL
A tren!
Preocupaçoes das tuas opaias coloradas!
centros@hotmail.com
Travesa San José, 2 (095 de dia)
15.002 COMPOSTELA
Colaboraçoes: 2091-0012-18-3040031205

o Vante
Cantom do S. Bieito, 4 - COMPOSTELA
Loja de Abastos - PONTE-CESURES
GALIZA

Bailuca
Turco
Telf: 806 70 00 00
SOUTO MAIOR

ALTO MINHO
associaçom cultural
Rua Catezol, nº18 - Apdo 289 Lago
almh@almo.org www.almo.org

CASA DAS CRECHAS
Via Sacra, 3 - 15704 Compostela
info@casadascrechas.com

MAIS



Os três membros de Non Residentz numha rua de Compostela

www.nonresidentz.com, dous pratos e dous micros

HIP-HOP ESSENCIAL FIXADO EM COMPOSTELA

I. GOMES E D. LOIMIL / Os dous mc's ultrabiónicos, Hevi e Brasi, e o dj Lord Keison acompañados de Xurxo 'máster do som' nos controlos, constitúen a mais firme aposta polo rap na Galiza e em galego. Tanto polas súas letras como pola súa música ocupan un lugar privilexiado entre os grupos actuais de rap; tomái como referencias algunhas das, segundo eles, organizacións afíns: IAM, Gang Starr, Frank Sinatra... sobram as palabras!

Pois nesta ocasión presentamos un web que constituí o punto de referencia da música desta banda de rap, quer dizer, non estamos perante un enderezo da Internet corrente onde normalmente se poden descargar un par de amostras dos temas.

Para se conseguir o resto non fica outro remedio que pór o dinheiro sobre a mesa; do web de Non Residentz poden descargar-se un total de seis temas, os catro que formaban a maqueta de que já falamos nestas páxinas

e mais dous temas novos.

Havemos de somar a estes dous bónus track, a maos de Hevi e Dj Beware, que temos que ir buscar ao web de Bandua Produçõs (www.bandua.com). Para alé deste conteúdo fundamental podemos encontrar información sobre a banda, sobre os seus concertos e, proximamente, unha sección de vídeo.

E lembrai, todo licenciado sob Creative Commons (<http://creativecommons.org/>), isto é: você pode copiar, distribuir e comunicar publicamente a obra, para alé de fazer obras derivadas sob unha série de condicións de respecto aos creadores das mesmas, entre eles non empregan os temas con fins comerciais. Cretative Commons é un exemplo claro

de que se pode traballar com a música de umha maneira livre e sem colaborar com organismos monopolizadores que já tenhem sido referidos em repetidas ocasións e que non merecem nem um centímetro mais de papel.

Brinquedia: nasce umha rede de jogos tradicionais

Fruto de umha das conclusõs tiradas do I Curso de Jogos e Desportos Tradicionais realizado em Ourense, nasceu Brinquedia

-Rede Galega do Jogo Tradicional. Tinha-se cumprido quase um ano e feito diversas reuniões em diferentes pontos

do País (Melide, Capela, Ponte d'Eume) até chegar a Assembleia Fundacional de Brinquedia, no concelho meirês de Rio Torto.

LOIS PARDO / As razóns que leváram os impulsionadores e impulsionadoras deste projecto até aqui, até a formação de Brinquedia, devem-se a diversos motivos. Por umha parte, a existência de vários frentes na Galiza a trabalhar no campo dos jogos isoladamente. Assim, entre elas, encontramos iniciativas consolidadas e outras que acabáram de nascer recentemente.

Pensamos -entre outras muitas- na Liga de Bilros Celtas do Val Minhor ou na Liga de Bilros ao Canteiro da Órea, na Liga de Chave de Ourense, na Regata das Dornas da Arouça, em diferentes museus escolares, várias publicações sobre esta temática, a existência de diferentes infra-estruturas que guardam estreita relação com o mundo do jogo (o MUPEGA em Compostela, o Palau em Ourense, o Museu do Jogueite em Alhariz...), e inúmeras associações e centros de ensino que trabalham ao redor dos desportos e jogos tradicionais, quer no dia-a-dia quer na organização de interessantes e frutuosas actividades.

Porém, também se observa que, apesar de existirem tantas iniciativas, o jogo tradicional non se encontra reconhecido socialmente, vendo-se relegado habitualmente a um segundo plano. Com relação a isto, podemos referir o curioso caso da Associação da Chave (jogo galego de fundas raízes), que para poder desenvolver a sua Liga tem que estar federada na Federação de Petanca (jogo importado da França há apenas um século).

Do mesmo modo, constata-se que ao longo das três últimas décadas o jogo tradicional (com escasas excepções) perdeu presença, nomeadamente entre a mocidade,



Fotografia tomada no dia da fundação de Brinquedia, no Pedregal de Irímia.

centrando-se a sua prática entre "os velhos", ou bem em programas culturais que os protegem.

Por isso eram cada vez mais as

Brinquedia nasceu e abriu depois o leque para a inscrição de outras associações, centros de ensino, câmaras municipais, empresas e pessoas físicas.

Entre as medidas que consideram prioritárias está a redacção de propostas para incluir o Património lúdico galego na legislação autonómica e o desenho de um Plano Galego de Reabilitação dos Jogos Tradicionais que contemple a criação de infra-estruturas e a difusão e promoção do catálogo lúdico tradicional. Também consideram preciso que os meios de comunicação dediquem um espaço aos jogos tradicionais. Especialmente proveitoso "seria -destacamos- contar com o suporte das produtoras audiovisuais."

Com estes e outros objectivos, Brinquedia pujo-se a andar, contando desde o início com quase umha trintena de sócios, entre os quais estão várias câmaras municipais, umha dezena de associações, centros de ensino, empresas e pessoas a título individual.

Entre as medidas que consideram prioritárias está o desenho de um Plano Galego de Reabilitação dos Jogos Tradicionais

pessoas que viam necessária a criação de umha entidade que agrupasse todas as manifestações que existiam ao redor dos jogos tradicionais, e desenhasse um projecto comum de actuação que defendesse e promocionasse o nosso Património Lúdico.



| AVELINO POUSA ANTELO, 'LUCHO DO PETO' | PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CASTELAO |

“Casal foi um mártir que deu pola Galiza o mais sagrado: a vida”

MARTA SALGUEIRO / Num día 19 de Agosto de 1936 aparecia no lugar de Cacheiras, em Teio, o corpo de Ángel Casal Gosende. Quem tinha sido regedor republicano de Santiago de Compostela e impulsor da Editora Nós fora 'passado' e assassinado. Por ocasião da Galiza Mártir, a Fundación Castelao homenageou em Teio o intelectual galego de que Afonso Rodríguez Castelao assegurara: "Casal, pola Galiza, fijo mais que todos nós". Sobre a vida de Ángel Casal, NOVAS DA GALIZA falou com Avelino Pousa Antelo, redescobridor para a historia do lugar onde apareceu o corpo sem vida de Casal Gosende.

- Um ano mais homenageáram Ángel Casal em Teio, onde foi encontrado o seu corpo...

- Um acto de justiça enquadrado nos actos do Día da Galiza Mártir. Porque Casal foi um mártir que deu pola Galiza o mais sagrado que temos: a vida. Considero-o um acto de justiça para recuperarmos a sua memória e devolvermos-lhe o valor que este homem tivo para a cultura galega. O próprio Afonso Daniel Rodríguez Castelao dixo de Ángel Casal: "Casal, pola Galiza, fijo mais que todos nós" e aqueles "nós" eram Bóveda, Castelao ou Outeiro Pedralho, o homem mais culto da Europa do seu tempo, quer dizer, homens que já honram a Galiza eternamente.

- Qual foi o labor mais destacado de Ángel Casal Gosende?

- Entre esses homens ilustres Casal era humilde, mas editou quase todos os livros galegos daquele tempo. É difícil imaginar o esforço e trabalho deste homem para lograr fazer as publicacións.

Se ainda hoje nom é muito bom negócio publicar livros em galego, naquele tempo era um labor heróico. As edicións eram mínimas: 300 exemplares dos quais só 100 estavam garantidos através de assinantes. Os outros vendíamolos as Mocidades Galeguistas polas feiras dos arredores da cidade de Compostela. Vínhamos entusiasmados se podíamos vender dúzias

dos livros da Editora Nós, aquela imprensa que estava entom no número 15 da Rua do Vilar em Compostela.

- Como o conheceu?

- Quando entrei nas Mocidades Galeguistas, com Isaac Díaz Pardo, repartíamos propaganda em prol do Estatuto da Galiza. E fazíamolo numha carrinha que nos proporcionara o presidente da Cámara de Compostela, Ángel Casal. Depois, como já vos contei, também ajudávamos a vender os livros da Editora Nós. Eu agora moro em Cacheiras e estive á procura do lugar em que o fuzilaram para pormos um monólito lembrando á barbárie.

- Casal foi presidente da Cámara de Compostela durante pouco tempo, nom é?

- Foi nomeado por aclamação nas eleições de Fevereiro de 1936. Dimitiu-se pouco antes, uns días antes, de que o 'passassem' em Cacheiras. O homem que merecia o agradecimento de todo o povo galego

pola sua aposta em prol da cultura do nosso País, foi agradecido com a morte. Convertêrom-no em mártir.

- Precisamos recuperar a memória...

- É necessário também que o fagam as institucións. Por enquanto nom houvo sensibilidade. Eu acuso o anterior governo de falta de respeito pola Galiza; acuso-o também de cobardia ou de concommitância com os assassinos. Porque o que cala, sobre uns factos canalhescos, outorga e justifica á barbárie que imperou naqueles anos. Eu nom podo ignorar isso. Há tempo fum visitar, com os filhos de Alexandre Bóveda, o anterior presidente da Junta. O único que conseguimos dele fôrom os pêsames que deu aos filhos de Bóveda dizendo que "eram uns tempos...". Nom é assim, nom era conseqüente com o posto que ocupava, porque a Galiza tem mártires e os mártires som o primeiro que se há de pôr como exemplo. É umha obrigação incluível de um cargo público que se diz presidente dos galegos.

STAR TREK

KIKO NEVES

Há noites que nom durmo, e nom é por culpa do calor. Preocupa-me essa obra-prima do capitalismo imperialista que é o vaivém Discovery. Coitadinhos eles. A miséria que escondem as grandes obras do Capitalismo sempre acabam por estragá-lo. Tudo o que o Capitalismo poupa em custos acaba por provocar, mais tarde ou mais cedo, fendas por onde lhes foge o ar até á derrota final.

Derrota, sim, com o tempo, mas nom por causa de umha revolução, senom por esgotamento, ao jeito do ditador aquele que morreu na cama. Quiçá, entom, já nom som tempos de revolução. Ou sim, mas é preciso mudar o paradigma: cumpre umha crítica teimosa baseada no escárnio, á burla, á chacota, á mofa contínua enfrentada aos seus sucessivos ridículos.

Assim, enquanto aguardamos á engasgar-nos com á gargalhada que nos vai dar um novo fracasso dos vaivéns da NASA, gabaremos da satisfação, que tanto os amola, de que o espaço exterior continue aí, próximo, graças ás últimas pegadas da verdadeira Revolução. As viagens que vam bem som as das naves Soyuz (tecnologia soviética), apesar de que sempre pretendam silenciá-las.

E falando das galáxias. Andava eu no outro día polas terras de Cela Nova quando parei para tomar umha cerveja do País. No bar, o televisor dava fantásticas imagens de um Obradoiro com semelhanças de estação espacial.

O nosso novo presidente atrapalhava-se ao falar mostrando acenos do Capitán Kirk, aquele de Star Trek. Noutra bancada, ao Vice-Quin, cresciam-lhe as orelhas. Paguei á cerveja e continuei polas ruas que caminhou Curros Enríques. "Suspirei com triste gesto: / Pardiola! Nom vale á pena / D'amar á pátria pra isto!